

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, nr. 24

Ano 1971

João Alfredo Rohr, S. J.

Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, Brasil



INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S. J. — Diretor
Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica
João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia

— — — —

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

— — — —

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

— — — —

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language. The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany**

We ask for exchange with publications of similar character.

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PLANALTO CATARINENSE

João Alfredo Rohr S. J. (1)

I. — INTRODUÇÃO

Uma área de, aproximadamente, três mil quilômetros quadrados do planalto centro-oeste catarinense, oscilando em altitude de 400 a 1.200 metros, constitui o cenário da presente pesquisa.

Fruto de passante três meses de trabalhos de campo, realizados no decurso dos anos de 1966, 1967, 1970 e 1971, não tem pretensões de ter esgotado o assunto; apesar de a região ter sido percorrida, repetidas vezes, para fins de prospecção de sítios arqueológicos, cópia de petrogrifos, escavações, coletas de dados, etc.

Foi trabalho árduo, particularmente devido à falta de estradas em condições. A travessia de rios e arroios empedrados e sem pontes, em passos de dezenas de metros de largura, está na ordem do dia. Não raro, torna-se necessário recorrer a trator ou junta de bois para safar o jeep de algum atoleiro, particularmente traçoeiro e profundo. Chuvas torrenciais, enchendo os rios, tornam intransitáveis as estradas e impedem o acesso aos sítios. As condições de trabalho, nas escuras e úmidas galerias subterrâneas, são as piores possíveis. A remoção de terra de profundas crateras, nas escavações de casas subterrâneas, é aventura trabalhosa; ainda mais, quando desabam aguaceiros, transformando o sítio em lodaçal.

Foram registrados 67 sítios. Este número, porém, exprime, tão-somente, pequena porcentagem do total existente, de vez que os extensos paredões, cobertos de mata, característicos da região, escondem, por certo, numerosos abrigos sob-rocha e sítios de sepultamentos, ainda não devassados. As bôcas estreitas das galerias subterrâneas, geralmente acham-se fechadas e, quando abertas, facilmente são camufladas por fôlhas, humus e vegetação. Por isso, muitas delas, por certo, jamais foram visitadas por homens civilizados. As casas subterrâneas contam-se aos milhares, na região serrana, a partir do Rio Grande do Sul até o Paraná e apenas pequeno número das mesmas foi por nós visitado. Os sítios abertos, cerâmicos e pré-cerâmicos, costumam ficar completamente encobertos, sob o denso lençol da grama dos campos e, precisamente, é de campos a

(1) Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas

maior área, ora pesquisada. Do outro lado, nas férteis planícies, intensamente cultivadas, a cerâmica, via de regra mal cozida, dentro de poucos anos desintegra-se por completo, sem deixar vestígio. Acresce, ainda, que os sítiantes, por demais absorvidos pelos problemas imediatos de subsistência, não tomam conhecimento dos sítios arqueológicos; salvo quando êstes suscitam suspeitas de tesouros escondidos, sendo, neste caso, rapidamente destruídos.

Deixamos aqui consignados os nossos agradecimentos ao Conselho Nacional de Pesquisas e à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que financiaram, generosamente, as nossas pesquisas. Ficamos gratos também ao Sr. José Alcécio de Abreu, de Petrolândia, que nos distinguiu com a sua hospitalidade e forneceu-nos informações preciosas; aos Srs. João Wiggers de Urubici, João Menegaz de Bom Retiro e Dorvalino Momm de Petrolândia, que autorizaram escavações em terrenos de sua propriedade. Agradecimentos enfim, a todos quantos nos acolheram, permitindo visitar sítios arqueológicos localizados em suas propriedades. Merecedores de especial reconhecimento tornaram-se os PP. Ari Longo e José Espíndola, vigários, respectivamente, de Bom Retiro e Urubici, bem como as beneméritas Irmãs do Hospital de Urubici, pela acolhedora hospitalidade. Devemos agradecimentos, ainda, ao Sr. Prof. Igor Chmyz, diretor do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade do Paraná, que orientou o estudo e desenho das bordas e formas dos vasos de cerâmica, procedentes das casas subterrâneas.

A todos, o nosso cordial "Deus lhes pague"!

II. — MUNICÍPIO DE PETROLÂNDIA E MUNICÍPIOS ADJACENTES

1. — Situação Geográfica.

Petrolândia situa-se na encosta da serra a uma altitude de 400 metros; latitude 27°31' e longitude 49°41', abrangendo uma área de 282 quilômetros quadrados. Com os seus municípios limítrofes: Ituporanga, Atalanta e Agrolândia, acha-se compreendido na zona geográfica do Alto Vale de Itajaí. Ao sul delimita-se com os Campos de Lages (1000 metros de altitude).

2. — Condições climáticas e orográficas.

O clima, frio no inverno, torna-se ameno no verão. Todos os anos cai geada; anos mais, anos menos, mas jamais falha. Em data de 11 de agosto de 1970, por exemplo, toda a região amanheceu sob denso lençol de geada. Partindo de Petrolândia, às 7 horas da madrugada, tornou-se preciso raspar, periodicamente, o gelo do pábrisa do carro, com o fim de possibilitar a visibilidade. Em Ituporanga, que se situa em altitude inferior a Petrolândia, já caiu neve; Petrolândia, porém, desconhece a neve. Isto, possivelmente, seja devido à vizinhança protetora dos aparados (cuesta) da serra.

As chuvas são abundantes, sendo a precipitação pluviométrica mais intensa no período do inverno. São freqüentes, também, os nevoeiros.

O terreno, descontando as pequenas mas fertilíssimas várzeas dos Rios Perimbó e Barra Nova, é de caráter montanhoso e uma vez desmatado, esgota-se rapidamente. Predominam rochas sedimentares de arenito e folhelho negro do carbonífero.

3. — Notas Históricas

Petrolândia começou a sua história no ano de 1901, quando fugitivos gaúchos da "Guerra dos Maragatos", vindos por Vacaria aos Campos de Lages, desceram a serra à procura de um refúgio seguro e se estabeleceram, em plena selva, às margens do Rio Perimbó, no mais completo isolamento. Foram êles Liriano Ferreira, Patrício Borges, João Alfredo Amado, Francisco Rui Prestes e Amado Saturnino Xavier, que aí fizeram as primeiras derrubadas (1).

Com o desmembramento de Ituporanga, em 1962, Petrolândia torna-se município independente e autônomo, tendo, na mesma data, mudado o seu nome "Perimbó" para Petrolândia. Deram margem a esta mudança de nome as perfurações efetuadas naquela comarca pela Petrobrás nos anos de 1962 e 1964. Estas perfurações foram motivadas pela descoberta de arenito asfáltico na localidade de Barra Nova; arenito êste tão rico em betume que os sitiantes dos arredores costumam queimar pedras asfálticas, com o fim de obter energia calorífica.

Segundo o técnico da Petrobrás, Eng.º de Minas, Acyr A. da Luz, a presença do óleo no arenito é decorrente da FALHA GEOLÓGICA de Perimbó, cujo traço na superfície situa-se aproximadamente 3,6 km a leste do local das exsudações. Esta falha tem o seu lado abaixado a leste. A rocha reservatório é um arenito quartzoso e poroso, de granulação variando de fina a grosseira, pertencente à FORMAÇÃO RIO BONITO de idade carbonífera superior (Pensilvânio). Como rocha matriz do óleo tem sido considerado o folhelho betuminoso Irati (permiano), que, devido à falha de Perimbó, foi colocado em justaposição ao arenito Rio Bonito, o que facilitou a migração do óleo para o referido arenito. (2).

4. — Águas sulfurosas.

Em diversos abrigos sob-rocha de Petrolândia anotamos a presença de águas sulfurosas, que se revelam pelo cheiro e pelo gosto. Na localidade de Alta Barra Nova existe uma fonte daquela água, de propriedade do Sr. José Alécio de Abreu, Farmacêutico de Pe-

(1) Informante: Francisco Bauer, Rio Indaiá, Petrolândia.

(2) De "CINQUÊTENÁRIO DE ITUPORANGA"

trolândia. Esta água foi analisada quimicamente no Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Paraná. A análise revelou um pH de 7,9 e o técnico responsável pela análise Janisvaldo de Paula Ribas concluiu o seu relatório com a seguinte declaração: "Conforme revela a análise... trata-se de uma **água mineral** sulfatada alcalina bicarbonatada".

5. — A Fauna e a Flora

Petrolândia, situando-se na divisa de duas zonas geográficas, com formações florísticas distintas, Vale do Itajaí e Campos de Lages, ostenta uma flora bem variada, tipo faxinal, formada pela interpenetração das vegetações características destas duas zonas.

No Vale do Itajaí campeia uma flora latifoliácea, conhecida como "Mata Tropical Atlântica", que cobre larga faixa litorânea e penetra os vale úmidos dos rios, até a encosta da serra. São representativas nesta formação as perobas (*Aspidosperma tomentosum*); as canelas (*Ocotea nitidula*, *Nectandra nitidula*) e outras; o ipê amarelo (*Tecoma lapacho*); o ipê roxo (*Tecoma curialis*); figueiras bravas (*Ficus doliaris*, etc.); palmeiras (*Arecastrum romanzoffianum*); palmitos (*Euterpe edulis*); além de grande variedade de lianas e epífitas, tais como orquídeas e bromeliáceas; bem como criptógamos vasculares e avasculares.

A flora dominante nos Campos de Lages é a Mata de Araucárias, que tem o seu nome derivado da "*Araucaria angustifolia*", vulgarmente chamada "Pinheiro do Paraná". Associados ao pinheiro são representativas daquela zona a imbuía (*Phoebe porosa*); o cedro (*Cedrela fissilis*), a braacatinga (*Mimosa braacatinga*); o cambará (*Lantana camara*); o taruman (*Penax quinquefolium*); açoita-cavallós (*Luthea grandiflora*); o angico (*Piptadenia incurialis*); o louro (*Cordia hypoleuca*); a sacupemba (*Aspidosperma excelsum*); o pinho (*Podocarpus lambertii*) e outras mais.

O aspeto primitivo, no entanto, hoje em dia, acha-se bastante modificado, devido à indústria madeireira, que durante decênios, vem de enriquecer-se à custa da exportação do pinheiro e da madeira de lei: canela, peroba, imbuía, cedro, louro, etc.; sem preocupar-se do reflorestamento paralelo. Influxo mais devastador, ainda, tem exercido o desmatamento sistemático e generalizado, decorrente da procura de novos solos para as lavouras.

A par da flora, também a fauna da região sofreu profundas modificações sob o influxo da civilização branca, achando-se muitas espécies extintas e outras em vias de extinção completa. A fartura de pinhão atraía manadas de porcos do mato (*Dicotyles tayassu* e *Dicotyles albirostris*). Os campos eram as pastagens preferidas dos cervídeos (*Dorcephalus dichotomus*, *Dorcephalus bezoarcticus*, *Mazama americana*, etc.). Os cervídeos, por seu turno, traziam no seu en-

calce o jaguar (*Felis onza*) e o puma (*Felis concolor*). Em tôda a zona ocorrem, ainda hoje, felídeos de menor porte, tais como a jaguatirica (*Felis pardalis*) e gatos do mato (*Felis wiedi*, etc.). Os rios e banhados eram o hábitat da anta (*Tapirus americanus*), da capivara (*Hydrocoerus capibara*). Roedores menores: paca (*Coelogenis paca*), cutia (*Dasiprocta azarae*) e o ouriço (*Coendra prehensilis*), ainda hoje se fazem encontrados, na região. Graxains (*Canis brasiliensis*), iraras (*Tayra barbara*), tatus (*Dasypus novemcinctus*), tamanduás (*Myrmecophaga jubata* e *Tamandua tetradactylus*) e símios (*Cebus niger* e *Aluata caraya*) completam o quadro faunístico da região.

A fauna avícola, da sua parte, não é menos rica e variada, sendo ainda hoje representada por Tinamídeos; jacutinga, jacupema, macucos e inhambus, urus (*Odontophorus capueira*); Tucanos (*Ramphastus toco*); Psitacídeos: periquitos e papagaios; gaviões (*Thasyaetus harpyia*, etc.) corujas, marrecas e garças.

5. — Moradores atuais; Religião e Produção Agropastoril.

O município de Petrolândia conta, atualmente, com 6.958 habitantes (Censo de 1970), cabendo à sede apenas uns 10% do total. Noventa por cento são de descendência alemã; mas somente os mais velhos falam ainda o idioma; a mocidade não conhece senão a língua portuguesa.

Religiosamente acham-se divididos em três comunidades: católicos, evangélicos luteranos e missurianos. Apesar dos poucos recursos o pequeno povoado consegue manter de pé as suas três igrejas a erguerem as suas tôrres ao alto, apontando o céu. Felizmente aquêlê povo simples possui bastante bom senso. Apesar da diversidade dos credos, acham-se unidos e apóiam-se mutuamente.

Na produção agrícola do município destacam-se gêneros tais como milho, arroz, batatinha, aipim, feijão, amendoim, batata doce, tomate, melancia, cebola e alho. Observa-se, também, bom número de estufas de forno, indicando a influência da Companhia de Cigarros Souza Cruz. A criação de porcos, galinhas e abelhas; algum gado leiteiro e produtos derivados, tais como banha, mel, manteiga e queijo, não deixam de concorrer com a sua parcela, para o rendimento econômico da região.

6. — Os Índios

Os primeiros colonos tiveram contato com as populações indígenas, vendo, não raro, as suas plantações depredadas pelos "bugres". Como não podia deixar de ser, resultaram conflitos do entrelaço das duas culturas de concepções tão visceralmente diferentes.

José Moser, um dos primeiros sitiantes, teve o seu pequeno rebanho dizimado pelos índios. Com o fim de inculir respeito aos sel-

vícolas ia descarregando, a esmo, a espingarda para dentro da mata, tôda a vez que escutava algum ruído suspeito ao longo da estrada. Apesar de alertado da temeridade de sua atitude provocadora, prosseguiu atirando. Não tardou que uma flecha partisse das brenhas e se cravasse na espinha de Moser, que tombou do cavalo e foi morto pelos indígenas, junto com a montaria; enquanto o seu companheiro, Carlos Reuter, escapa sem ser molestado. Quando os colonos foram buscar o cadáver da vítima, os índios, dentro da mata, levantaram grande alarido, acompanhando o cortejo e provocando os brancos com muitos gritos; até o cortejo abandonar a estrada da mata e ganhar o campo aberto.

“Martim Bugreiro” o famoso matador de índios, conhecido em tôda a região serrana por suas bravatas e chacinas de índios, andou também por Petrolândia.

Testemunhas oculares, ainda vivas, narram um fato, que transcrevemos sem comentários. Hercílio Coelho, vaqueiro dos Campos de Lages, viu-se atacado de câncer, que lhe devorava o nariz. Como o mal se agravasse mais e mais, deixando-o horrivelmente desfigurado, o infeliz Horácio, já desesperado de poder curar-se, desceu a serra para ir morrer sôzinho nas matas do vale do Rio Perimbó, onde, na época, não existia habitação alguma de homem branco. Foi encontrado aí pelos índios. Êstes, vendo o estado deplorável do homem branco, compadeceram-se dêle. Prepararam uma pasta de ervas, prèviamente socadas e maceradas, que colocaram na ferida de Horácio Coelho. Com êste remédio o doente melhorou e, aos poucos, a ferida foi cicatrizando-se por completo.

Horácio Coelho, mais tarde, foi morador de Petro.lândia e quando voltava de fazer uma caçada feliz, deixava pendurado num galho de árvore, um bom quarto de anta, para que os seus benfeitores, os índios, se regaliassem com aquela prêsa fácil. Horácio Coelho morreu no ano de 1953 e acha-se sepultado em Petrolândia.

III. — URUBICI E MUNICÍPIOS VIZINHOS

1. — Notas Geográficas.

Urubici e municípios vizinhos, geograficamente, situam-se na zona dos CAMPOS DE LAGES, numa altitude de 900 a 1.300 metros. É região de intensas geadas, densos nevoeiros e, vez que outra, fortes nevascas.

Geològicamente a zona de Lages abrange três séries. Série Tubarão, formada de rochas sedimentares areníticas e xistos ou folhelhos escuros (Grupo Itararé); Série Passa Dois (Permiano) de rochas sedimentares, Formação Serra Alta de folhelhos argilosos e argilitos, folhelhos escuros e calcáreos; Série São Bento de arenito Morro Pelado e derrames basálticos.

2. — A Flora e a Fauna

A vegetação varia de acôrdo com as condições do terreno. Nas depressões e nos vales dos rios, há matas primitivas com pinheiros do Paraná, que, vez que outra, cobrem também alguma encosta, particularmente pedregosa e íngreme, difícil de ser explorada pela lavoura ou como pasto. Extensas áreas do planalto são campos cobertos por savanas, pinheiros esparsos e capões isolados. Em alguns pontos iniciou-se o reflorestamento com pinheiros do Paraná ou *Pinus americanus*.

Os campos, em sua maioria, são aproveitados para a criação de gado vacum, ovelhas e suínos. Estes últimos criam-se soltos, em estado semi-selvagem, cevando-se de pinhão, bolotas de imbuía, sementes e raízes.

A caça, ainda hoje, é representada por cervídeos, tatetos, coatis, tamanduás, mãos-peladas, pacas, cutias, tatus, ouriços, gatos do mato, jaguatiricas, algum puma e jaguar. Isto mesmo, porque, nos campos, as habitações são muitos ralas, esparsas e isoladas, de vez que os fazendeiros, via de regra, são latifundiários, que contam as suas posses em milhões de metros quadrados.

O planalto tem clima sêco, com verão quente e inverno muito frio. Os nevoeiros estão na ordem do dia.

3. — Situação Geográfica e Notas Históricas de Urubici.

O povoado de Urubici estende-se por três quilômetros, pelo vale do rio, que tem o mesmo nome, até as proximidades da desembocadura do mesmo no Rio Canoas, numa altitude de 900 metros; longitude de 49°43'56"; latitude de 28°00'51"; na estrada de Florianópolis—São Joaquim, distando 190 quilômetros de Florianópolis.

O município possui 12.745 habitantes (censo de 1970). A população é luso-brasileira; sendo pouco representativos os descendentes de alemães, italianos e russos.

Do livro de tombo da Paróquia de Urubici, transcrevemos os seguintes dados, compilados pelo P. João Celezny e autorizados pelo atual pároco, P. José Gonçalves Espíndola.

Este interessante documento desvenda aspetos primitivos da região. Refere-se ao Morro do Avencal, que ostenta paredões areníticos cobertos de petrogrifos. Fala do Morro Pelado e do Bico das Tocas, sítios de galerias subterrâneas, de abrigos sob-rocha e de petroglifos. Explica-nos também o porque da destruição vandálica dos sítios arqueológicos, particularmente das galerias subterrâneas, em busca de sonhados tesouros lendários. Revela ainda que, à semelhança de Petrolândia, os fundadores de Urubici igualmente foram fugitivos da "Guerra dos Maragatos".

Eis o texto: "Pelo ano de 1878, Taurino de Tal, obteve da parte do govêrno, o privilégio de procurar as famigeradas minas de Urubici. Falava-se já naquele tempo; falou-se muito nos primeiros tempos do povoamento e fa'a-se, hoje ainda, sôbre as tais "Minas de Arzão" (1). Deveria tratar-se, segundo a lenda e os obscuros "roteiros", de imensos tesouros escondidos, pertencentes aos padres jesuítas, no tempo do Brasil Colônia.

.....

Em 1889 desceram ao vale do Rio Urubici pelo Bico das Tocas, alguns caçadores dos Campos de Lages, para caçar no va'e do Rio Urubici, onde A CAÇA ERA MUITO ABUNDANTE E VARIADA. Entre êles estava o Sr. Manoel Severiano Junior, ainda sobrevivente, que diz, não terem encontrado sinal algum de gente civilizada, por aqui.

O primeiro homem, que se interessou mais de perto pelo vale do Rio Urubici, foi Manoel Saturnino de Souza Oliveira, da antiga guarda nacional. Foi êle que mandou a primeira expedição de homens, com o fim de explorar a zona e conseguir lugar de moradia. Filho de Tubarão, fugira de lá por motivos políticos. Estávamos nos primórdios da República. Dois partidos se degladiavam em Tubarão, o dos federalistas, alcunhados de "MARAGATOS" e os republicanos, apelidados de "PICA-PAUS". Aos maragatos pertencia o Sr. Manuel Saturnino de Souza Oliveira e o irmão d'êle, Aureliano Saturnino de Souza Oliveira, aos pica-paus. Tendo havido lutas sangrentas em Tubarão e ameaças de morte para os chefes, o Sr. Manuel Saturnino fugiu da cidade natal, refugiando-se na então, enorme Fazenda do Bom Sucesso, seguido, pouco depois, pelo irmão. Todavia, não se achando assaz seguro, mesmo naquela fazenda, resolveu procurar paragens mais afastadas e inóspitas. Mandou, pois, em expedição os seus dois filhos, Inácio Saturnino de Souza Oliveira e José Saturnino de Souza Oliveira. Acompanharam-nos ainda o Sr. Manuel Francisco de Figueiredo e o Sr. José Felicidade. Êstes partiram da Fazenda do Bom Sucesso no ano de 1890 na direção sul-leste em demanda das ínvias plagas de Urubici. Viajaram sem dúvida de a cavalo, com os indispensáveis cargueiros, abrindo picadas na mata espessa. Chegando às margens do Urubici, aos pés do Avencal, tendo verificado que ERA ÊSTE O LUGAR PREFERIDO PELOS BUGRES, lá ficaram, armando as suas tendas e barracas na clareira aberta, às pressas, na exuberante floresta. Fizeram também o primeiro rocio no lugar da atual praça de Urubici, nas proximidades da ponte, atualmente existente. Voltaram após algum tempo para levar a alviçareira notícia ao Sr. Tenente-Coronel (título do guarda nacional) Manuel Saturnino de Souza Oliveira.

.....

(1) Antônio Marques Arzão arrematou a fatura da Estrada Florianópolis—Lages, 1787—1790 (Padberg Drenkpol em "Mysteriosas Galerias Subterrâneas em Santa Catarina", p. 87.

4. — Veríssimo Bugreiro.

Em 1893 aparece na História de Urubici um vulto, que teve a sua importância singular. Foi Manoel Veríssimo da Rosa, vulgo Veríssimo Bugreiro. Filho de Araranguá, veio para os campos de Urubici e são Joaquim. Era "corre costa" das fazendas, como o povo aqui costuma dizer.

Foi êste homem alcunhado de BUGREIRO, por ter jeito e capacidade especial de lidar com os bugres, de amansá-los e mesmo matá-los. Enquanto os outros moradores, na sua maioria, faziam aqui as suas roças no verão e se retiravam para o campo no inverno, êle aqui permanecia o ano todo. Quando, mais tarde, a polícia tinha que agir contra fugitivos e desordeiros, hospedava-se na casa dêle e agia conjuntamente com êle. Era homem talhado mesmo para isso; não pestanejando, quando necessário, despachar para a vida melhor a quem que fôsse.

5. — Mais Moradores.

Com a notícia, espalhada por tôda a parte das plagas ínvias e selváticas de Urubici e com a fama das muito comentadas minas dos jesuítas, apareceram aqui muitos aventureiros e bandidos fugitivos. Criminosos de tôdas as qualidades e côres de Serra-abaxio e das fazendas vizinhas dos campos de Bom Jesus, refugiavam-se em Urubici. Êste fato, com o tempo, granjeou triste fama a êste lugar. . . Veio igualmente muita gente de côr: escravos recém libertados, que vinham aqui para ver se faziam por cá a sua vida. Êstes fizeram também as primeiras roças nas Águas Brancas e na desembocadura do Rio dos Bugres.

6. — Os Bugres

Nesta mataria imensa e inóspita habitavam, antes da descoberta, e mesmo muitos anos depois, os selvícolas. Desde o início da imigração dos brancos respeitavam-nos e tratavam-nos com justiça e cavalheirismo. NÃO ATACAVAM POR TRAIÇÃO. Esperavam, no entanto, o mesmo tratamento dos brancos. Quando êstes os tratavam mal ou agrediam, estavam sujeitos a serem flechados a qualquer hora.

Assim sucedeu a um tal Maneco Anjo. Êste alvejara, atoa, um índio, não avaliando o perigo a que se expunha. Tendo, um dia, ido rio Urubici abaixo para a caça, amarrou a sua "petiça" junto dos cavalos dos outros companheiros de caçada. Ao voltar encontrou os outros animais intatos, ao passo que da sua petiça só restava no lugar a buchada. Fazendo mais tarde roça, foi agredido por um bando de bugres armados e, não fôsem os gritos de sua filhinha, que o alertaram em tempo de se pôr a salvo, estaria perdido. A conselho de um índio manso Maneca Anjo abandonou a região com o fim de salvar a vida.

Fora disto os índios não incomodavam os brancos. Faziam, é verdade, às vêzes brincadeiras à beira das picadas, por onde viajavam os brancos, agitando ramos de árvores, quebrando galhos, imitando os gritos de certos animais. NÃO SE MOSTRAVAM TÃO POUCO AOS BRANCOS, de maneira que poucos dêstes tiveram ensejo de ver de perto um bugre, a não ser que êste fôsse domesticado.

Residiam êstes filhos das florestas não tanto à beira do Canoas, porém, mais nas furnas dos afluentes: Rio das Antas, Rio Cachimbo, Rio dos Bugres e, principalmente, no vale do Rio Urubici. Aliás o nome composto Urubici tem sua significação: uru = ave; bici = água, alagado, rio. Portanto Urubici significa Rio das Aves. Convém ainda lembrar, que o Rio Urubici era cheio de banhados, alagados e mesmo tremedais, que hoje em dia, com os canais de escoamento, desapareceram. O terreno, por exemplo, da antiga casa paroquial era um banhado só e ótimo para a caça de antas. Numa destas caçadas, conta o Capitão Alfredo Machado de Souza, vendo ao pé de um pinheiro um trançado de cipó, que os índios costumavam usar para trepar em árvores muito altas, examinou a copa do mesmo e descobriu um bugre trepado no pinheiro... Deixou-o, porém, em paz, não sendo também por êle molestado.

Muitos, para conquistarem as boas graças dos índios, tinham o costume de deixarem, abandonadas na mata, umas quantas aves, mortas nas caçadas, para os índios se deliciarem com elas."

IV. — OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

1. — Número e Variedade dos Sítios Arqueológicos

Segundo o testemunho insuspeito de tôdas as fontes, ao penetrar no Alto Vale do Itajaí e nos Campos de Lages, o homem branco encontrou a região ocupada pelos indígenas.

Uma datação de C14, feita no Museu Nacional de Washington (Sítio SC—VI—13) revela outrossim, que esta ocupação se deu, pelo menos a 3.000 anos passados.

O número e a variedade dos monumentos arqueológicos, assinalados na região, sugerem do outro lado, que, durante êstes milênios, populações de culturas bastante diversas passassem por aquelas paragens. Algumas delas possuidoras de cerâmica; outras desconhecendo a cerâmica. Umas morando em abrigo sob-rocha; outras vivendo em casas subterrâneas ou galerias subterrâneas. Algumas com aldeias cercadas com paliçadas protetoras; outras, ainda, tribos de todo nômade e errantes, não tendo por teto mais que a abóbada verdejante das florestas seculares.

A zona litorânea, pelo clima ameno, pela riqueza de pescado e abundância de moluscos e crustáceos, oferecia ao homem primitivo condições ecológicas ideais. Devido a isto o litoral mostra-se particularmente rico em sítios arqueológicos.

A região serrana, por seu turno, além de muitas outras frutas e sementes, tinha a oferecer o Pinhão, alimento rico, forte e sadio, o qual, à semelhança do maná bíblico, caía do céu. Era só juntá-lo do chão. Tinha ainda sobre o maná a vantagem de poder ser armazenado. Realmente, foi encontrado, em Alfredo Wagner, um sítio submerso, contendo dois alqueires de pinhão, armazenado pelos índios. De mais a mais, havia na região abundância de caça: manadas de porcos do mato, cervídeos, antas, capivaras, coatis, pacas, cotias e tatus; sem falar da caça de penas: macucos, jacus, jacutingas, urus, pombas, perdizes, papagaios, nhambus, etc.

Tal profusão de alimentação não deixaria de exercer atrativo poderoso sobre povos caçadores e coletores, que, por períodos mais ou menos longos, demorar-se-iam naqueles sertões.

Éstes povos deixariam no lugar traços mais ou menos acentuados e duradouros de sua passagem. De fato foi registrada tôda uma série de monumentos arqueológicos, tais como sítios de sepultamentos sob-rocha, paradeiros cerâmicos, paradeiros pré-cerâmicos, casas subterrâneas, galerias subterrâneas, abrigos sob-rocha e petroglifos.

2. — Inscrições Rupestres.

Tivemos a primeira notícia da existência de petroglifos no planalto catarinense em 1966, ao fazermos pesquisas arqueológicas em Alfredo Wagner (Ex-Barracão). Na época visitamos e fotografamos o grande conjunto do Morro do Avencal, próximo à cidade de Urubici, que ocupa uns vinte metros quadrados de extenso e alto paredão arenítico. O paredão apresenta, no alto, numerosas protuberâncias e saliências, que fazem dêle uma espécie de abrigo sob-rocha; tanto assim, que, em fevereiro de 1971, encontramos os petroglifos, ainda cobertos de giz, que havíamos passado nêles, em abril do ano anterior. O solo, ao pé dos petroglifos, dá a impressão de ter sido escavado. Inicialmente, admitimos, fôsse trabalho de caçadores de tesouros. Possivelmente, porém, tenha sido habitação indígena. Fato que se reveste de certa importância; de vez que permitiria a datação dos petroglifos, através do carvão recolhido no sítio.

Foram copiados passante trinta metros quadrados de petroglifos, localizados em sua maioria, nos arredores de Urubici: Morro do Avencal e Morro Pelado (Fig. 2 a 6). Outro conjunto situa-se em grande abrigo sob-rocha, vulgarmente chamado "Casa de Pedra", na localidade de São Pedro (Canudo), distante trinta quilômetros de Urubici (Fig. 7).

Todos aquêles petroglifos acham-se gravados em rocha de arenito, atingindo os frisos a profundidade máxima de quatro centímetros, com outro tanto de largura máxima. No Morro do Avencal, grande parte dos petroglifos forma uma espécie de baixo relêvo. A rocha sofreu um cinzelamento prévio, que abaixou a superfície meio centímetro a um centímetro. Dentro dêste rebaixo foram gra-

vados, a seguir os petroglifos. A superfície interna dos frisos é áspera ao tato, devido aos grânulos de areia.

Em alguns petroglifos do Avencal persistem ainda vestígios nítidos de tinta preta. Possivelmente todos aquêles petroglifos, inicialmente, estivessem pintados de prêto, tendo-se a tinta apagado no decorrer do tempo, sob o influxo da umidade. Em alguns casos é preciso recorrer ao uso de escadas para alcançar os petroglifos.

Motivos que muitas vêzes se repetem nos petroglifos do Avencal, são figuras triangulares, com traço curto, partindo do vértice e terminando com ponto muito engrossado dentro do triângulo. Outras vêzes o traço, partindo do vértice, atravessa todo o triângulo, formando uma bissetriz do mesmo. São freqüentes também as figuras paralelogramicas, munidas, uma vez, com retas paralelas verticais; outras vêzes, com retas paralelas cruzadas, oblíquas aos lados.

O motivo de desenho mais curioso e expressivo, no conjunto do Avencal, é uma figura, que, ao zoólogo, lembra, de pronto, grande coleóptero da família dos cerambicídios, vulgarmente chamados "toca-violas", que se caracterizam por pernas e tentáculos muito compridos. Este motivo repete-se diversas vêzes no Avencal, uma vez, isoladamente; outras vêzes, em escala menor, associado a figuras triangulares. Possivelmente, represente uma máscara indígena.

Os petroglifos da Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes diferem dos petroglifos do planalto, tanto nos motivos dos desenhos, como em outros detalhes. Todos os petroglifos do litoral acham-se gravados em rocha diabásica preta, vulgarmente chamada pedra-ferro. Os frisos jamais alcançam um centímetro de profundidade e jamais observamos nêles vestígios de tinta. No litoral, algumas vêzes, houve preparo prévio da superfície da rocha por alisamento; enquanto no planalto o preparo consiste no rebaixamento da superfície da rocha por lascamento.

No litoral há ideogramas extensos, cobrindo superfícies, relativamente extensas. Na região serrana os ideogramas, via de regra, são pequenos. No litoral aparecem triângulos e paralelogramos cheios, isto é, em forma de rebaixos triangulares na rocha; enquanto no planalto os triângulos e paralelogramos são vazios, achando-se debuxados na rocha apenas os lados dos triângulos e paralelogramos.

No litoral há figuras de homens e mamíferos, sendo o tronco e os membros representados por simples traços e a cabeça por um disco. No planalto o tronco e a cabeça de supostos homens e mamíferos são representados por quadriláteros.

Um conjunto de petroglifos de seis metros de comprimento e metro e meio de altura, localizado no abrigo sob-rocha chamado "Casa de Pedra", em São Pedro, afasta-se, em motivos e estilo, dos outros petroglifos. Naquele conjunto predominam extensas linhas curvas, círculos irregulares e pontos muito engrossados.

No voz do povo, as inscrições rupestres, petroglifos ou litoglifos, tomam o nome de "letreiros". Há quem queira ver nêles, "roteiros de tesouros escondidos". Este equívoco funesto, no litoral, tem conduzido à destruição criminosa de parte dêstes monumentos arqueológicos, mediante uso de explosivos.

Os petroglifos, por certo, possuíam algum significado para o índio; aliás não os gravaria na rocha, com grande trabalho, em lugares de difícil acesso. De mais a mais, os mesmos símbolos e ideogramas, muitas vêzes, se repetem nos diversos sítios.

Do outro lado, porém, não são uma espécie de escrita secreta e seria vã a tentativa de interpretá-los pela leitura. Segundo a opinião mais aceita entre os arqueólogos, muitos petroglifos teriam sentido mágico-religioso, tendendo a tornar propícia a caça, a pesca, as estações do ano, provocar a fecundidade, etc., fatôres êstes, dos quais dependiam as populações primitivas, em sua vida e subsistência. Seria absurdo, porém, querer generalizar.

Outro ponto obscuro é a idade dos petroglifos. Certos motivos, nos petroglifos do litoral, lembram desenhos, observados nas urnas funerárias tupi-guaranis. Por isso, não é excluída a hipótese, de terem sido guaranis os autores daqueles petroglifos. Seriam, portanto, de idade relativamente recente; isto é, ao redor de mil anos.

A idade dos petroglifos dos abrigos sob-rocha e das galerias subterrâneas talvez possa ser determinada através do carbono quatorze (C14); porque é de presumir que os habitantes do abrigo fôsem também os autores dos petroglifos gravados nas paredes do mesmo.

3. — Sítios de Sepultamentos em Abrigos Sob-Rocha

As águas das correntes impetuosas, descendo os grandes declives, num trabalho muitas vêzes secular, rasgaram sulcos profundos e deixaram expostos paredões rochosos, que se elevam a dezenas de metros de altura e estendem-se, não raro, por quilômetros, encosta afora. Êstes paredões, orlados de matas e cobertos de vegetação arbustiva e erbácea, dão aspeto característico às encostas do planalto catarinense. Nestes paredões formam-se, muitas vêzes, grutas, nichos e abrigos sob-rocha, que serviam de abrigo e morada a tribos selvícolas. Quando localizadas junto a alguma cascata, tais abrigos tornam-se particularmente pitorescos, poéticos e aprazíveis e eram, neste caso, aproveitados também para o sepultamento dos defuntos.

Registramos quatorze sítios desta natureza, esparsos pelos municípios de Petrolândia, Imbuia, Atalanta, Urubici, Bom Retiro, Alfredo Wagner e Rancho Queimado, sôbre área de cento e cinqüenta quilômetros de diâmetro. Geralmente são de acesso algo difícil e muitos dêles já foram violados, remexidos e depredados por curiosos. Em diversos dêstes sítios encontramos amontoadas as ossadas

de esqueletos de adultos e de crianças. Faltavam, porém, os crânios, que haviam sido carregados por pessoas inescrupulosas. Segundo informações fidedignas foram encontradas junto dos esqueletos, pontas de flecha de pedra, cerâmica e objetos de adorno de conchas, dentes e pedrinhas perfuradas. Temos em depósito no museu os ossos longos e algumas caveiras de dezessete indivíduos, procedentes de um sítio desta natureza, localizado em Petrolândia. Confrontados com os esqueletos procedentes dos sambaquis e de outros sítios abertos, apresentam-se muito mais resistentes e melhor conservados, dando a impressão de ossadas recentes. Não tendo sido expostos à ação das águas, carregadas de ácidos e outros agentes desintegrantes, retêm ainda parte de sua composição orgânica: gelatina e gordura, que lhes dá a consistência de um osso recente. Acham-se, porém, corroídos por roedores, talvez ávidos de gorduras. Em oposição aos esqueletos dos sambaquis a abrasão dentária nêles é pouco acentuada; mas as cáries são freqüentes e profundas.

4. — Casas Subterrâneas.

Sítios peculiares às grandes altitudes, são as casas subterrâneas. Apresentam-se como crateras abertas no solo, possuindo dois a dezessete metros de diâmetro e podendo alcançar seis metros de profundidade (1). Geralmente acham-se agrupadas, no mesmo lugar, diversas crateras, umas maiores, outras menores.

A dispersão geográfica das casas subterrâneas é muito grande, tendo a sua presença sido registrada nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No planalto catarinense, o povo considera aquelas crateras como "fojos dos bugres", para caçar antas.

Em 1967, tivemos ensejo de participar da escavação de duas casas subterrâneas, em Santa Lúcia do Piauí, município de Caxias do Sul, R. G. S. Uma das crateras escavadas, possuía doze metros de diâmetro, por cinco metros de profundidade. Verificou-se que, fora da cratera, na periferia, de três em três metros, havia pequeno núcleo de pedras. Igualmente, no fundo da cratera, ao centro, havia semelhante ajuntamento de pedras. Concluiu-se daí que aquela casa achava-se coberta com telhado, partindo o vigaamento da periferia para um poste central. No fundo da cratera foi encontrado um fogão de pedras com pinhão queimado e, ao redor do mesmo, cerâmica indígena e artefatos líticos. Em uma das paredes, foram encontradas pedras fixas, que, possivelmente, fizessem parte de uma escada de acesso à casa. (2).

(1) Fernando La Sálvia — Resumo das Pesquisas Arqueológicas no Planalto — Rio Grande do Sul, Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata, Pesquisas, Antropologia n.º 18, São Leopoldo, 1968, p. 105 ss.

(2) Pedro Ignacio Schmitz (coordenador) — Arqueologia no Rio Grande do Sul, Pesquisas, Antropologia n.º 16, São Leopoldo, 1967, p. 2 ss.

Recentemente escavamos duas casas subterrâneas, no planalto catarinense. A primeira integrava um conjunto de dez crateras e possuía cinco metros de diâmetro e dois e meio de profundidade. Foi escavado apenas um quadrante da mesma; porque chuvas torrenciais encheram a cratera de água, impedindo a prossecução dos trabalhos. Foi recolhido carvão vegetal, material lítico e passante de trinta cacos de cerâmica indígena.

A segunda cratera escavada, possuía oito metros de diâmetro e três metros e sessenta centímetros de profundidade (Fig. 8). No fundo da mesma havia um nível de carvão vegetal de dez centímetros de espessura, com abundante material lítico lascado e cerâmica. Foram recolhidos, na mesma, acima de dois mil cacos de cerâmica; sendo quatro e meio por cento cerâmica decorada: ponteadada, incisa, ungulada, ponteadada-incisa e ungulada-incisa. Com estas escavações ficou evidenciado que as casas subterrâneas são sítios cerâmicos (Fig. 9, 10, 11, 12; Pr. II, III b, c).

As casas subterrâneas representam uma invenção engenhosa do índio para defender-se das nevascas e dos ventos gelados do inverno rigoroso das grandes altitudes. No fundo de uma cratera, sob um teto feito de pau, cascas de árvore, fôlhas e terra, com a lareira acesa, o índio achar-se-ia ao abrigo do frio, por intenso que êste fôsse. Nascido o sol, saíria do abrigo subterrâneo, com o fim de abastecer-se de pinhão e carne de tateto e cervídeos, freqüentes naquelas paragens.

As casas subterrâneas aparecem também no litoral, embora mui esporadicamente. No município sul-catarinense de Jaguaruna registramos a ocorrência de duas unidades, lado a lado, a apenas dez quilômetros da praia. No mesmo município foi encontrada cerâmica, com as características da cerâmica das casas subterrâneas, em dois pequenos sambaquis, junto à praia. A mesma cerâmica encontra-se, com relativa freqüência, no litoral rio-grandense, em Osório.

Também, na Ilha de Santa Catarina, em um morro do Pântano do Sul, existem três "buracos de bugre", com as características das casas subterrâneas. Estas ocorrências demonstram que os construtores das casas subterrâneas, periodicamente acorriam às praias para mariscar e, possivelmente, fazerem provisão de pescado.

5. — Galerias Subterrâneas

Em 1931, o antropólogo do Museu Nacional, Padberg Drenkpol, recebeu comunicado da existência, em Rio dos Bugres, atualmente pertencente ao município de Urubici, de extensas galerias subterrâneas. O comunicado vinha acompanhado de planta topográfica das galerias e reprodução de petroglifos nelas existentes.

Padberg Drenkpol chegou à conclusão que aquelas galerias não podiam ser pré-históricas; mas, possivelmente, fôsssem obra dos construtores da antiga estrada Florianópolis—Lages, os quais, seduzidos por sonhos de minas de ouro e prata, escavassem aquelas ga-

lerias. Padberg não visitou o sítio em foco; mas publicou o seu parecer no Boletim do Museu Nacional, Vol. IX, n.º 1, 1933, sob o título: "Mysteriosas Galerias Subterrâneas em Santa Catarina". Nesta publicação diz textualmente: "Em todo o caso, porém, as galerias são de origem relativamente recente, como já se depreende dos visíveis sinais de picareta no grês. Os selvícolas não dispunham de picaretas. Os autores devem ter sido civilizados, que penetraram naqueles sertões...".

Os informantes não se deram por satisfeitos com a resposta e as interpretações de Padberg Drenkpol. Sendo Urubici a região das famosas "Minas de Prata do Arzão" e achando-se as galerias nas imediações do lendário "Campo dos Padres", imaginaram, por certo, estarem na pista talvez já bem próximos do "fabuloso tesouro dos jesuítas" e não se deixariam, tão facilmente, demover de empresa tão promissora. Num trabalho, verdadeiramente ciclópico, abriram grandes extensões de galerias por cima e alargaram outras por dentro, vasculhando tôdas as entranhas daquele morro, que hoje se nos afigura uma mina abandonada, coberto, como se acha, de montões de terra, retirada das galerias e profundas trincheiras, abertas na rocha de arenito.

Encerrando, finalmente, depois de meses, as suas atividades, os escavadores deliciaram o povo dos arredores com farta churrascada, retirando-se, a seguir, discretamente, do lugar.

Quase quarenta anos depois, em julho de 1970, a história das galerias ressuscita de maneira inesperada. Ao fazermos prospecção de sítios arqueológicos na região serrana, fomos informados da existência de galerias subterrâneas na localidade de João Paulo, município de Bom Retiro. As galerias haviam sido descobertas há anos passados, por caçadores, quando a cachorrada, em perseguição a uma manada de porcos do mato, penetrou nas galerias e continuou latindo debaixo do solo.

A muito custo, depois de horas de buscas infrutíferas, quando já estávamos descrentes de poder encontrá-las, o capataz da fazenda, finalmente, conseguiu localizar a bôca das galerias, em meio da mata, fechada por denso taquaral. Situam-se em uma lomba, coberta de mata e foram cavadas na argila arenosa, em forma cilíndrica, com teto abaulado. Nas paredes existem sinais de picareta e de uma cavadeira pectiforme, que deixa marcas como que de garras de animais. A bôca é pequena e estreitada por terra, fôlhas e húmus. Segundo informações do dono, Sr. Flares Figueiredo de Oliveira, inicialmente achava-se fechada com toras de xaxim (*Dicksonia sellowiana*). É preciso entrar rastejando. Por dentro, porém, a galeria possui metro e meio a dois metros de diâmetro. O solo acha-se juncado de blocos de argila, que se desprenderam do teto. O corredor principal possui uns quarenta metros de comprimento e tem dois braços laterais de quatro a cinco metros de comprimento cada qual. Na opinião do dono as galerias seriam obra dos jesuítas. São conhecidas como "Toca dos Padres".

Ao inspecionarmos aquelas galerias, completamente escuras, à luz precária de uma vela, afluíram-nos prontamente à lembrança a história das já olvidadas galerias de Padberg Drenkpol. Outrossim tivemos a intuição nítida de estarmos em presença de um novo tipo, completamente inédito, de monumento arqueológico. Evidentemente aquelas galerias haviam sido abertas na rocha por mãos humanas, com trabalho insano de remoção de terra. Talvez esconderijo e defesa contra ataques inesperados de inimigos e de animais ferozes; talvez habitação, que dava abrigo a centenas de indivíduos, subtraindo-os por completo aos olhos e ao alcance dos perseguidores.

A nossa suspeita transformou-se em certeza, quando, no município vizinho de Urubici, tivemos ensejo de visitar toda uma série de galerias semelhantes; todas localizadas nos morros; todas escavadas da mesma forma cilíndrica, em rocha mole de arenito; geralmente com braços laterais e possuindo mais de uma boca; excepcionalmente até com salas maiores e teto, apoiado por colunas de rocha, deixadas em pé para este fim. Todas apresentam os mesmos sinais de picareta e de cavadeira pectiforme, deixando a impressão de garras de animais e acham-se localizadas nas proximidades de águas correntes (Pr.I).

Em diversas galerias observamos sinais de petroglifos, que, nas galerias mais conhecidas e visitadas pelo público, como por exemplo no "Bico das Tocas" ou Morro Pelado, de Urubici, acham-se prejudicados por escrita recente.

Tornando, repetidas vezes, à mesma região, visitamos mais e mais galerias, inspecionando-as, agora já à luz intensa de forte lâmpião de pressão Coleman. Primeiro entrávamos com medo do escuro, depois cada vez mais afoitamente. Casos houve em que foi difícil convencer os donos, desconfiados de um aparelho detetor de tesouros, a nos mostrarem as galerias.

Em outubro de 1970 foi feito o princípio de escavações em uma das galerias. Localiza-se em pequeno morro, coberto de mata rala, na localidade de Santo Antônio, nove quilômetros distante de Urubici. A cem metros da mesma foi escavada uma casa subterrânea, recolhendo-se nela acima de dois mil cacos de cerâmica. A galeria principal possui trinta metros de comprimento. Tem quatro curtas galerias laterais e cinco bocas. Apenas uma das bocas achava-se aberta, permitindo a uma pessoa entrar rastejando; as outras achavam-se tapadas com pedras, folhas e terra.

Abrindo uma das galerias fechadas, recolhemos, no entulho, trinta e oito cacos de cerâmica e três pedras trabalhadas, umas alisadas, outras polidas. Outra boca, ao ser parcialmente aberta, forneceu quatro cacos de cerâmica. Dentro da galeria, em coleta de superfície, foram recolhidos cinco cacos de cerâmica.

Muitas escavações e pesquisas tornar-se-ão ainda necessárias para desvendar todos os segredos daquelas misteriosas galerias. Se-

gundo o estado atual das pesquisas, duas conclusões já se nos impõem: primeiro, as galerias foram cavadas por mãos humanas e, segundo, as galerias não foram abertas por homens civilizados; mas são pré-históricas.

A primeira assertiva não requer prova, de vez que não existem fatores naturais capazes de explicar a formação das galerias.

A favor da origem pré-histórica das galerias temos os seguintes argumentos:

a) O número e a dispersão geográfica das galerias são muito grandes e tôdas foram abertas da mesma maneira cilíndrica no ventre dos morros de arenito mole. Em nenhuma delas existe vestígio de algum minério, que justificasse trabalho daquela natureza. A bôca sempre é estreita e, parcial ou totalmente, obstruída. Geralmente há mais de uma bôca, achando-se algumas delas, sempre completamente fechadas. Além das bôcas, há indícios de respiradouros, buracos, que se perdem no teto. O homem branco abriria poços; mas não galerias de dezenas de metros de comprimento, quase à flor da terra, onde a remoção de terra importa em soma incrível de trabalho.

b) Apesar do grande número e da grande dispersão geográfica das galerias, nem a mais vaga notícia ou tradição histórica a elas se refere. Mesmo os mais antigos moradores da região não têm a mínima idéia, quanto aos construtores daquelas galerias.

c) Em diversas galerias existem petroglifos, com motivos idênticos aos petroglifos encontrados fora das galerias, na mesma região.

d) Segundo o testemunho insuspeito de pessoas, ainda vivas, o Dr. Jorge Bleyer retirou uma série de esqueletos indígenas de uma das galerias do "Bico das Tocas", de Urubici.

e) Encontramos cerâmica indígena e material lítico trabalhado no interior de uma das galerias.

Em vista dêstes fatos, chegamos à conclusão que as galerias subterrâneas são um testemunho a mais do senso prático e da estratégia do índio.

Habitando num tôpo de morro, em meio à mata e, vendo-se inesperadamente atacado e cercado, de todos os lados, sumia-se no ventre da terra. O inimigo, que se aventurasse na bôca da toca, achando-se exposto à plena luz, oferecia um alvo magnífico às flechadas que partissem da escuridão das galerias subterrâneas.

6. — Terreiros de Antigas Aldeias.

Em 1966 fomos conduzidos, em Petrolândia, a um "Terreiro de Dança dos Bugres". Situa-se no alto de um morro, de onde a vista se espria para todos os lados, sôbre os vales e as encostas vizinhas.

O tôpo do morro, numa área de vinte metros de diâmetro, fôra cuidadosamente nivelado. Na periferia erguia-se uma coroa de terra, de um metro de largura e trinta centímetros de altura. O solo, dentro daquela área, achava-se duro e compacto e, como que, socado. Jamais o arado havia passado pelo local, que se achava revestido de denso capoeiral. Na época, registramos a ocorrência, com dúvidas e ressalvas.

No planalto visitamos, a seguir, tôda uma série de sítios análogos. Situam-se, invariavelmente, no tôpo dos morros, parcialmente nivelados e com a característica coroa de terra na periferia, delimitando a área. Todos êstes sítios são considerados "Terreiros de Dança dos Bugres" pelos moradores atuais. Em sua maioria situam-se em campo aberto, revestido de vegetação erbácea e arbustiva. A coroa de terra, que delimita os terreiros, oscila de vinte a oitenta metros de diâmetro e quinze a cinqüenta centímetros de altura. No dizer dos proprietários inicialmente era muito mais "declarada"; tendo diminuído em altura, no decorrer dos anos, devido à erosão e o pisoteio do gado. Apresenta-se particularmente bem delineada, após as queimas dos campos, que eliminam a vegetação, no término do inverno, preparando os campos para a nova germinação da grama.

Com o fim de elucidar a natureza daqueles pretensos "Terreiros de Dança" foram feitas escavações em dois dêles, escolhidos a esmo, pela ordem cronológica de sua descoberta. O primeiro terreiro escavado foi o acima descrito, situado em Petrolândia, em terrenos de Dorvalino Momm, que possui vinte metros de diâmetro. O segundo situa-se a cinqüenta quilômetros do primeiro, no município de Bom Retiro, em terrenos de João Menegaz. Possui quarenta metros de diâmetro e localiza-se nas imediações de uma série de casas subterrâneas. Nas trincheiras abertas foram encontradas, até a profundidade de setenta centímetros, fogueiras com abundante carvão vegetal, cerâmica indígena e material lítico trabalhado. A cerâmica é do tipo liso, sem decoração alguma. Inclui pequena tigela, conservada pela metade, muito bem cozida, com as paredes brilhantes (Fig. 9, 2).

Em vista dos resultados obtidos nas escavações, chegamos à conclusão que aquêles supostos terreiros de dança dos bugres, na realidade, são terreiros de antigas aldeias. Achavam-se localizadas em pontos altos e estratégicos e estavam guarnecidas por uma paliçada protetora, que se manifesta, ainda hoje, pela coroa de terra circular ao redor do tôpo do morro.

V. — MATERIAL RECOLHIDO NA CASA SUBTERRÂNEA

SC—Urubici—11.

A casa subterrânea, SC—Urubici—11, localiza-se em pequeno morro, ladeado por um arroio e coberto de mato ralo, com pinheiros

esparços. No mesmo morro situa-se uma galeria subterrânea, SC—Urubici—10, com trinta metros de comprimento, três curtas galerias laterais e quatro bôcas. A casa subterrânea escavada é uma cratera de 7,60 m de diâmetro e 3,70 m de profundidade, cavada na rocha mole de arenito. Segundo informações do dono, inicialmente achava-se rodeada de uma cêrca viva de toras de xaxim (*Dicksonia sellowiana*). Encontramos estas toras, em parte, tombadas no fundo da cratera; em parte, vegetando ainda nas barrancas da mesma. Nas paredes da cratera haviam se desenvolvido diversas árvores, entre outras um pinheiro com trinta centímetros de diâmetro, recentemente cortado pelos madeireiros. No fundo da cratera havia uma camada arqueológica de dez a quinze centímetros de espessuras, composta de carvão, cinzas, cerâmica e seixos, em parte alisados; em parte lascados ou tratados a fogo. Esta camada arqueológica achava-se coberta por húmus e blocos de arenito caídos das paredes.

1. — Cerâmica

Na casa subterrânea, SC—Urubici—11, foram recolhidos 2.235 cacos de cerâmica. Feitas restaurações parciais de uma série de vasos, êste número foi reduzido a 1766 cacos, incluindo os vasos, parcialmente restaurados; sendo 1693 cacos cerâmica simples, sem decoração e 73 cacos (4,4%), cerâmica decorada (Fig. 9, 10, 11, Pr. III b, c).

A. — Cerâmica Simples

a. — **Manufatura.** Foi preparada segundo a técnica do acordelamento. Na superfície de fratura dos casos, geralmente, não se observam sinais de roletes ou cordéis de argila, positivos ou negativos, que indicassem a técnica do acordelamento. Contudo, esta técnica é revelada, nitidamente, por ondulações regulares nas paredes dos vasos; ondulações estas, paralelas às bordas e decorrentes do mau alisamento, que foi insuficiente para apagar os sinais dos roletes de argila superpostos. Nos vasos menores não se notam tais ondulações, que denotassem a presença de cordéis. Possivelmente estas vasilhas fôsseem manufaturadas pela superposição de pastéis de argila.

b. — **Antiplástico.** Na argila arenosa, incluindo grãos de areia finíssima, perceptíveis apenas mediante o uso de lupa, foi adicionado, como desengordurante, HEMOTITA (óxido de ferro, Fe_2O_3), em grânulos, que variam, em diâmetro, de frações de milímetro, até oito milímetros. Predominam grânulos da ordem de dois a quatro milímetros, constituindo grânulos de seis a oito milímetros, exceção. Pela ordem crescente dos diâmetros, é o seguinte o quadro porcentual do antiplástico:

ANTIPLÁSTICO DE HEMATITA		
Diâmetro em mm	Número de cacos	Porcentagem %
0,5-1	88	5,25
1-2	238	14,05
2-3	522	30,85
3-4	579	34,12
4-5	220	13,01
5-6	26	1,54
6-7	13	0,77
7-8	7	0,41
	1693	100%

c. — **Textura.** De maneira geral o antiplástico acha-se bem distribuído na pasta. Em alguns cacos observam-se bôlhas de ar de até cinco milímetros. Via de regra os cacos são bastante friáveis, sendo fácil destacar fragmentos, sob a pressão dos dedos. A fratura é irregular. Dez por cento dos cacos são tão friáveis que podem ser pulverizados pela fricção dos dedos. Cacos colados com cola duco, não sendo internamente reforçados com gaze, facilmente partem-se de novo pelo plano de fratura anterior.

d. — **Coloração do núcleo.** Predominam os cacos com núcleo cinza-escuro, margeado de faixas marrom ou núcleo todo cinza-escuro, quase preto. O quadro porcentual da coloração dos núcleos apresenta o seguinte conspeto:

COLORAÇÃO DO NÚCLEO		
Côr	Número de cacos	Porcentagem %
Marrom com uma faixa cinza-escura	74	4,37
Todo marrom	171	10,09
Cinza-escuro com uma faixa marrom	363	21,49
Todo cinza-escuro	502	29,65
Cinza-escuro com duas faixas marrom	583	34,4
TOTAL	1693	100%

e. — **Queima.** A maioria dos cacos apresenta-se mal queimada; sendo poucos os cacos de queima regular a boa. Devido à má queima os cacos são pouco resistentes à fratura e ao risco.

f. — **Coloração da superfície.** Predominam, de longe, os cacos com ambas as faces côr cinza-escura, quase preta. São freqüentes também cacos de côr marrom na face externa e cinza-escura na face interna. Com certa freqüência dá-se também o inverso. Pequena porcentagem de cacos apresenta ambas as faces de côr marrom. É comum observar-se, na face externa do mesmo vaso, zonas de côr marrom e outras de côr cinza-escura. Em linguagem percentual a coloração das faces acha-se expressa no quadro abaixo:

COLORAÇÃO DA SUPERFÍCIE		
Côr	Número de cacos	Porcentagem %
Ambas as faces marrom	43	2,54
Face interna marrom, externa cinza-escura	130	7,67
Face externa marrom, interna cinza-escura	457	27
Ambas as faces cinza-escuras	1063	62,79
TOTAL	1693	100%

g. — **Dureza.** A dureza oscila de 2 a 5, na escala de Mohs; sendo de longe mais freqüentes os cacos com dureza 3—4. Acha-se abaixo relacionado o quadro percentual das durezas:

DUREZA NA ESCALA DE MOHS		
Dureza	Número de cacos	Porcentagem %
2—3	213	12,59
3—4	1181	69,7
4—5	299	17,71
TOTAL	1693	100%

h. — **Tratamento da superfície.** A superfície, tanto externa como interna, via de regra é lisa ao tato; mas não regular, apresentando grande número de sulcos, estrias e depressões, deixadas pela

mão do oleiro ou o objeto alisador. Sulcos largos e paralelos à borda denunciam a manufatura pela técnica do acordeamento. As estrias de alisamento são estreitas e verticais às bordas do vasilhame. Depressões e irregularidades estendem-se sobre toda a superfície dos vasos. O antiplástico não aflora à superfície, a não ser nos casos erodidos, que formam pequena porcentagem do total.

i. — **Espessura.** A espessura das paredes oscila de 4 a 18 milímetros e varia muito, não somente de um vaso para outro; mas também nas paredes do mesmo vaso existem zonas mais espessas e outras mais finas. As espessuras que ocorrem com maior frequência, ficam na faixa de 6 a 11 milímetros. O quadro abaixo exprime as espessuras, em linguagem porcentual.

ESPESSURA DAS PAREDES		
Espessura em mm	Número de cacos	Porcentagem %
4	22	1,20
5	92	5,43
6	164	9,68
7	370	21,83
8	345	20,36
9	286	16,90
10	192	11,34
11	110	6,50
12	32	1,89
13	12	0,79
14	45	2,66
15	12	0,79
16	4	0,23
17	4	0,23
18	3	0,17
TOTAL	1693	100%

j. — Bordas. As bordas são levemente inclinadas para fora, e mais raramente, retas ou com leve inclinação para dentro.

Os lábios dos vasos, com raras exceções são algo estreitados; verificando-se que, no preparo dos mesmos, o oleiro passava os dedos primeiramente por cima e, a seguir, de um e outro lado, resultando um lábio estreitado, algo arredondado; outras vezes, algo aplanado, por cima.

1. — Forma. O diâmetro dos vasos oscila de 8 a 38 centímetros, sendo mais freqüentes vasos com diâmetro da faixa de 12 a 20 centímetros. Vasos com diâmetro maior de 22 e menor de 10 centímetros formam exceção. O fundo dos vasos, invariavelmente, apresenta forma convexa. A forma dos vasos é de meia calota, hemisférica, piriforme e ovóide. Temos tigelas, cuias, pratos, jarros e panelas, de globulares e tubulares.

B. — Cerâmica Decorada

A cerâmica decorada da casa subterrânea, SC—Urubici—11, representa pequena porcentagem, 73 cacos, (4,4%), do total de 1766 cacos. Quanto à manufatura, antiplástico, textura e côr, a cerâmica decorada não difere da cerâmica simples. O antiplástico é de hematita e oscila de 1 a 6 milímetros de diâmetro. Antiplástico com diâmetro maior de 6 milímetros, já pouco expressivo (1,18%) na cerâmica simples, não ocorre na cerâmica decorada. A espessura em alguns casos da cerâmica simples, base de vasos, ultrapassa 15 milímetros; na cerâmica decorada mal chega a 12 milímetros. Isto devido às dimensões, relativamente pequenas, dos vasos decorados, cujo diâmetro não atinge 14 centímetros; enquanto na cerâmica simples, ocorrem recipientes com até 38 centímetros de diâmetro.

As decorações não cobrem tôda a superfície dos vasos; mas limitam-se a determinada zona do mesmo, ao redor do bôjo, ficando o fundo e as bordas sem decoração.

As decorações são de três tipos puros, incisa, ponteada e unguada e de dois tipos mistos, inciso-ungulado e inciso-ponteado. Além dêstes tipos, temos uma tigela, conservada pela metade, que tem as paredes internas e externas pintadas de vermelho-cereja. Esta peça possivelmente é intrusa. (Fig. 9, Pr. II b, c).

a. — Cerâmica incisa (20 cacos = 27%).

A cerâmica incisa apresenta, na face externa, incisões em forma de retas paralelas, que se cortam obliquamente, formando losangos. A distância entre as retas paralelas varia no mesmo caco de 2 a 12 milímetros. A largura máxima das incisões é de um milímetro, sendo esta também a profundidade máxima. Via de regra, porém, tanto a largura, como a profundidade, fica aquém de um milímetro. Em alguns cacos a zona decorada é delimitada por uma incisão mais

larga e mais profunda (2 mm), paralela às bordas do recipiente. As incisões foram feitas mediante um instrumento, munido de gume ou ponta; porque ostentam seção triangular.

b. — Cerâmica ponteadada (15 cacos = 20%).

Na face externa, cuidadosamente alisada, foram feitas incisões, em forma de pequenos retângulos. Estas incisões dispõem-se em linhas irregulares, geralmente paralelas às bordas do vaso e ocupam determinada zona, ao redor do bôjo do mesmo. Em alguns recipientes as incisões são pequenas e punctiformes; em outros são alongadas, em forma de curtos traços, de oito milímetros de comprimento e um milímetro de largura e outro tanto de profundidade.

c. — Cerâmica ungulada (30 cacos = 41%).

Na face externa do vaso foram feitas depressões mediante as unhas do oleiro. Estas unguiações ocupam apenas certas zonas do recipiente, dispondo-se sem ordem ao redor do bôjo do vaso. Em alguns casos observa-se uma tendência declarada do oleiro de dispersar as unguiações, sem ordem alguma. Outras vêzes acham-se dispostas verticalmente, ao redor do bôjo, jamais, porém, em disposição linear perfeita. Estas unguiações resultaram da ação conjunta das unhas do polegar e do indicador ou do médio, um pouco arrastados, em sentido contrário, dando como efeito, um ungulado, que é um comêço de pinçado.

d. — Cerâmica incisa-ungulada e incisa-ponteadada.

Em seis cacos as decorações incisivas acham-se associadas às unguiares e em um caco às ponteadadas.

Cerâmica análoga à ponteadada foi coletada em dois pequenos sambaquis do litoral sul-catarinense de Jaguaruna e no litoral de Osório, no Rio Grande do Sul.

2. — Material Lítico.

O material lítico recolhido na casa subterrânea, SC—Urubici—11, apesar de relativamente numeroso é culturalmente pobre, mal acabado e pouco expressivo. Faremos, no entanto, uma descrição sumária do mesmo, com o fim de possibilitar confronto com outros sítios da mesma natureza.

A. — Polido.

a. — De folhelho negro betuminoso.

1. — Objeto de adorno, em forma de calota de disco, de 50x 17x3 milímetros, todo alisado. Tôdas as arestas foram eliminadas mediante cuidadoso polimento.

2. — Pequena faca ou raspador, plano convexo, de 40x30x10 milímetros. Apenas o gume, na face superior convexa, foi alisado.

b. — De diabásio e siltito.

1. — Alisadores, em número de quatro, de formato retangular, oscilando em dimensões, de 60x48x15 a 115x65x25 milímetros; todos perfeitamente alisados, afora em um plano de fratura transversal. Dão a impressão de machados polidos, que, por fratura, tivessem perdido o gume e parte do corpo. Nenhum machado polido inteiro, porém, foi encontrado naquela casa subterrânea, que justificasse esta hipótese. Um dêles apresenta em uma das faces pequena depressão, sugerindo uso suplementar, como quebra-coquinhos.

2. — Alisador achatado, cordiforme, de 76x68x20 milímetros todo alisado e com uma das faces perfeitamente polida.

3. — Batedores, em número de dois, com formato de chopping-tools, de 75x65x65 e 168x55x25 milímetros. Apresentam tôda a superfície alisada, afora os dois planos de lascamento. Um dêles apresenta sinais de batimentos em uma das faces.

B. — Lascado. (Fig. 12, Pr. II).

a. — De diabásio e siltito.

1. — Raspadores plano-convexos em número de sete, de formato semicircular e seção triangular, oscilando em dimensões de 95x68x62 a 148x120x92 milímetros.

2. — Picões, em número de sete, plano-convexos, de seção grosseiramente triangular, oscilando, em dimensões, de 74x61x40 a 165x74x30 milímetros.

3. — Batedores laterais, em número de dois, de seixos de seção grosseiramente triangular, com dimensões de 125x85x55 e 155x85x42 milímetros.

4. — Batedores laterais, de grossas lascas corticais, oscilando, em dimensões, de 100x65x25 a 185x80x20 milímetros, em número de nove.

5. — Facas, de lascas finas, umas corticais, outras não, de formato grosseiramente semicircular, oscilando, em dimensões, de 47x37x14 a 100x73x22 milímetros, em número de onze exemplares.

6. — Talhadeiras cuneiformes, em número de onze, oscilando, em dimensões, de 35x32x28 a 80x42x34 milímetros, elaborados de fragmentos de artefatos polidos.

7. — Foram recolhidos ainda 180 seixos, oscilando, em diâmetro, de 30 a 200 milímetros: bigornas, com pequenas depressões irregulares, resultantes de batimentos; núcleos, batedores e dezenas de seixos irregulares, tratados pelo fogo.

b. — De sílex.

Dois pequenos raspadores, plano-convexos, um de calcedônia, de 29x23x9 milímetros e outro de quartzo, de 35x27x12 milímetros. As arestas da face convexa foram suavizadas em toda a extensão mediante batimentos.

d. — De riolito.

Faca de lasca, de 52x38x14 milímetros.

VI. — MATERIAL RECOLHIDO NA GALERIA SUBTERRÂNEA SC—Urubici—10.

A. — Cerâmica.

Dentro da galeria foram recolhidos 6 cacos, em coleta de superfície, e 39 cacos foram recolhidos durante a abertura de duas bocas de galeria, que se achavam parcialmente fechadas. Alguns cacos são grandes, do tamanho da palma da mão. É cerâmica simples, sem decoração alguma.

a. — **Manufatura.** Foi preparada segundo a técnica do acordelamento. Nos planos de fratura dos cacos não se observam sinais de cordéis ou roletes de argila. No entanto, a técnica do acordelamento é denunciada por sulcos largos e pouco profundos, paralelos às bordas e decorrentes do mau alisamento, que foi insuficiente para apagar as evidências dos cordéis superpostos de argila.

b. — **Antiplástico.** À argila, contendo areia finíssima, perceptível apenas mediante uso de lente, foi adicionado, como desengordurante, HEMATITA, em grânulos, que alcançam quatro milímetros de espessura máxima.

c. — **Textura.** A distribuição do antiplástico na pasta é homogênea. Observam-se na pasta vacúolos de gás, que em alguns cacos chegam a dois milímetros. A fratura é irregular.

d. — **A côr do núcleo,** em oitenta por cento dos cacos, é cinza-escura, quase preta, margeada de duas estreitas faixas marrom-tijolo. Nos restantes, o núcleo possui côr marrom tijolo.

e. — **Queima.** É cerâmica, via de regra, mal queimada.

2. — Superfície.

a. — **A côr da superfície,** em porcentagens iguais, é marrom-tijolo ou cinza-escura. A côr da superfície externa não corresponde à côr da superfície interna. Cinquenta por cento dos cacos, com face externa côr cinza-escura, têm face interna marrom-tijolo e vice-versa.

b. — **Tratamento.** A superfície geralmente é lisa ao tato; mas não é regular, apresentando elevações e depressões decorrentes da manufatura. Não raro, observam-se estrias verticais às bordas, provenientes do objeto alisador e outras irregularidades, estrias, asperezas e pequenas fendas, particularmente na face interna.

c. — **Dureza.** É cerâmica relativamente mole; oscilando de 2 a 3, na escala de dureza de Mohs.

3. — Forma. O diâmetro máximo dos vasos é de 18 centímetros, geralmente menos; sugerindo potes, jarros, tijelas e cuias de fundo convexo.

As bordas são retas ou levemente inclinadas para fora. Os lábios, algo estreitados, são arredondados ou aplanados por cima.

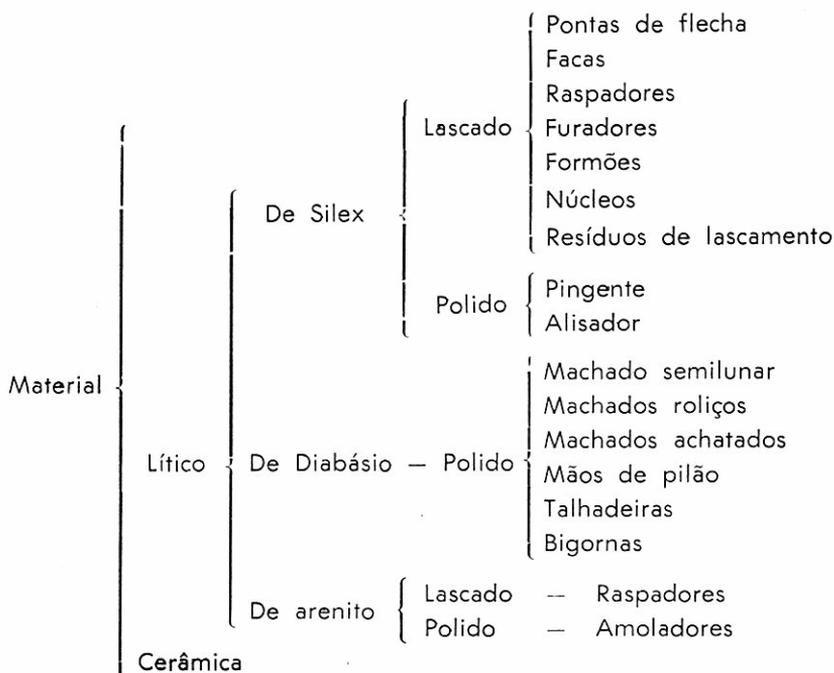
Ao que tudo parece indicar, a cerâmica da galeria subterrânea, SC—Urubici—10, é análoga à cerâmica da Casa subterrânea, SC—Urubici—11. Os dois sítios distam, entre si, cem metros.

B. — Material Lítico.

O material lítico recolhido na galeria subterrânea, SC—Urubici—10, é pouco expressivo, constando de seis seixos lascados e uma lasca. Dentre os seixos destaca-se um batedor, de 115x75x50 milímetros, com sinais de utilização nas extremidades e nos lados. Os outros seixos foram submetidos à ação do fogo. Dois deles apresentam sinais de alisamento. A lasca, munida de arestas cortantes, possui 55x35x10 milímetros; possivelmente servisse de faca. A matéria-prima é o diabásio.

VII. — MATERIAL RECOLHIDO EM SÍTIOS ABERTOS.

O material recolhido em coleta de superfície, nos sítios abertos, pode ser reunido no seguinte quadro sinótico:



A. — Material lítico

a. — De silex, polido

1. — Pingente oval, levemente achatado de quartzito marrom-claro, finamente polido, de 23x15x10 mm, munido de perfuração em uma das extremidades. A perfuração foi iniciada de um e depois do outro lado, com 5 mm de diâmetro, estreitando para o interior da peça.

2. — Alisador de quartzito claro, com 40x30x25 mm, plano-convexo, todo alisado, incluindo, do lado plano, grande lente azul-clara.

b. — De silex, lascado.

O silex possui fratura concoidal; devido a isto os artefatos de silex, lascados, plano-convexos, geralmente são levemente côncavo-convexos. Pela sua natureza vítrea o silex fornece, outrossim, fragmentos de arestas muito cortantes, que podem ser utilizados prontamente como facas.

1. — Pontas de flecha, em número de 29 exemplares. Não são uniformes em formato e menos ainda em dimensões; oscilando de 23x14x4 mm a 93x40x8 mm. As aletas formam, com o eixo principal, ângulo obtuso (66%) ou ângulo reto (44%). O pedúnculo via de regra oscila ao redor de um terço do comprimento total da peça. A base do pedúnculo é côncava (70%), reta (20%) ou convexa (10%). Os lados são finamente serrilhados e muito cortantes. A cor varia de branca (quartzo leitoso) e negra (Calcedônia preta). Via de regra,

são curtas e largas $\left(\frac{\text{comprimento}}{\text{largura}} < \frac{2}{1} \right)$ apenas 12% são

compridas e estreitas $\left(\frac{\text{comprimento}}{\text{largura}} > \frac{2}{1} \right)$. (Pr. III a).

2. — Facas. Acima de cem lâminas finas, plano-convexas, munidas de bordas muito cortantes, sugerem o seu uso como facas. As arestas não raro apresentam-se levemente serrilhadas e serviriam ôtimamente para esfolar pequenos mamíferos e aves. Oscilam em dimensões de 20x10x2 mm a 55x35x6 mm.

3. — Raspadores. Vinte artefatos plano-convexos, mais espessos, de forma tendendo a circular ou semicircular, apresentam retoques na periferia, podem ter sido utilizados como raspadores. Oscilam em diâmetro de 20 a 70 mm e em espessura de 10 a 30 mm.

4. — Furadores. Cinquenta e um artefatos, munidos de curta ponta ativa, podem ser enquadrados na categoria dos perfuradores. Na maioria são plano-convexos e possuem arestas cortantes, admitindo função mista de furadores, facas e serras. As dimensões oscilam de 25x15x5 mm a 75x45x32 mm.

5. — Formões. Treze prismas com extremidade ativa cortante e outra engrossada, geralmente cortical, permitem incluí-los no rol dos formões, para trabalhar madeira. Algumas arestas cortantes sugerem uso suplementar como facas. Variam, em comprimento, de 30 a 40 mm e, em espessura, de 12 a 18 mm.

6. — Núcleos. Vinte e cinco pequenos blocos, de 25 a 65 mm de espessura, apresentam grande número de planos de lascamento e parte do córtex. Alguns dêles, munidos de pontas e arestas mais cortantes, podem ser utilizados como picões e facas.

7. — Resíduos de lascamento. Acima de setecentas lascas pequenas e atípicas foram consideradas resíduos de lascamento.

b. — Material lítico de diabásio, polido.

1. — Machado semi-lunar ou em âncora, finamente polido, porém, incompleto. Perdeu um dos ramos por fratura e do outro ramo falta a ponta. Dimensões 105x100x15 mm. (Pr. III d).

Os machados semilunares, freqüentes no nordeste do país, são artefatos raros aqui no sul e de procedência ainda não perfeitamente elucidada. Entre milhares de outros machados líticos tivemos, no Museu do Homem do Sambaqui, até agora apenas um único machado semi-lunar, de dimensões menores (70x80x20 mm); mas completo. Foi encontrado no interior de uma urna funerária guarani, no extremo oeste catarinense, junto à fronteira da Argentina. Há, no entanto, arqueólogos, que excluem os machados semi-lunares da cultura de tradição guarani. O exemplar ora encontrado no Município de Lages, mostra que êstes artefatos, embora raros, têm dispersão geográfica relativamente vasta.

2. — Outros machados polidos. Os machados polidos do planalto são de duas categorias: roliços e alongados, com uma extremidade terminando em gume e outra em ponta cônica. Foram recolhidos seis exemplares desta categoria, que oscilam, em dimensões, de 200 a 310 mm e em diâmetro de 50 a 65 mm. (Pr. IV c, d, e). Destaca-se entre êles belo exemplar, de superfície picoteada, que termina em cone perfeito, fino e alongado. Outros são achatados e curtos, terminando em gume mais ativo e melhor acabado, com talo oposto algo afinado. Dimensões, oscilando de 160x75x25 mm a 240x90x45 mm. Foram recolhidos cinco exemplares dêste tipo. (Pr. IV, f, g).

3. — Mãos de pilão. Foram recolhidos cinco exemplares, oscilando em comprimento de 200 a 540 mm e, em diâmetro, de 45 a 60 mm. Apenas um exemplar possui a forma roliça típica; os outros apresentam superfície algo angulosa. O alisamento, em nenhuma delas, é perfeito. Desgastes laterais sugerem uso suplementar, como instrumentos de percussão. (Pr. IV, a, b).

c. — Material lítico de arenito.

1. — Lascado. Raspador plano-convexo, trapezoidal, com duas arestas retocadas e típicas. Dimensões: 70x60x20 mm.

2. — Alisado. Dois amoladores, plano-convexos, de formato semi-circular de 20 mm de espessura e 60, respectivamente, 90 mm de raio.

B. — Material Cerâmico.

Sòmente em um sítio aberto foi encontrada cerâmica. Em dois outros sítios, inicialmente ricos em cerâmica, duas décadas de lavoura intensa haviam apagado todos os vestígios da mesma.

No sítio, SC—Urubici—16, em coleta de superfície foram recolhidos 77 cacos de cerâmica; sendo 76 cacos de cerâmica simples e um caco de cerâmica decorada, incisa.

Esta cerâmica possui as características da cerâmica recolhida na casa subterrânea, SC—Urubici—11, que dista duzentos metros daquêle sítio aberto. O único caco decorado apresenta incisões em forma de linhas paralelas cruzadas.

VIII. — RELAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Damos, a seguir, relação sumária dos sítios, de acôrdo com o fichário do Museu do Homem do Sambaqui de Florianópolis, encaminhado ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Os sítios localizam-se no Estado de Santa Catarina. Na relação dos mesmos daremos a sigla do Estado de Santa Catarina, seguida do nome do município e um número, que indica a ordem cronológica da descoberta do sítio. Assim por exemplo, SC—Petrolândia—8, indica que o sítio localiza-se no Estado de Santa Catarina, município de Petrolândia e foi o oitavo sítio, registrado naquele município.

Assinalamos a seguir a localidade e o proprietário, de maneira a facilitar, ao arqueólogo interessado, a localização do sítio.

Dividimos os sítios segundo a sua natureza, em sítios de inscrições rupestres, sítios de sepultamento junto a cascatas, casas subterrâneas, galerias subterrâneas, terreiros de aldeias e outros sítios abertos, relatando-os de acôrdo com êste esquema.

A área, abrangida pelo sítio arqueológico será dada em números, indicando comprimento, largura e espessura do mesmo, em metros. Êstes dados possuem valor aproximativo; de vez que sòmente durante as escavações arqueológicas são reveladas as verdadeiras dimensões do sítio.

Tratando-se de furnas ou grutas daremos a largura e a altura da bôca e a profundidade máxima do sítio.

A. — SÍTIOS DE INSCRIÇÕES RUPESTRES.

SC—Urubici—1

Proprietário: Hipólito Matos

Localidade: Morro do Avencal

Delimitação e descrição do sítio: Uma superfície de 20 metros quadrados de extenso paredão arenítico, do lado do sol poente, acha-se coberta de petroglifos em forma de figuras paralelogramáticas, triangulares, antropomorfas e zoomorfas. As figuras acham-se gravadas na rocha, atingindo os traços 4 mm de profundidade e outro tanto, de largura máxima. Em algumas figuras aparecem vestígios nítidos de tinta preta. Na maioria dos casos a rocha sofreu um cinzelamento prévio, que abaixou a superfície meio centímetro e, dentro deste rebaixo, foram, a seguir, gravadas as figuras. As inscrições formam quatro grupos, separados entre si. A superfície da rocha em parte, é grosseiramente plana, em parte levemente, côncava, ou levemente convexa. Por cima, a uns oito metros de altura, existem saliências e protuberâncias naturais da rocha, que transformam o local em uma espécie de abrigo sob-rocha. (Fig. 2, 3, 4, 5).

Água mais próxima: Vertente, a 50 metros.

Vegetação: Campo com grama, árvores esparsas e capoeiras.

SC—Urubici—2

Proprietário: Sílvio Matos

Localidade: Morro do Avencal—Fundos

Delimitação e descrição do sítio: Uma superfície de 10 metros quadrados de rocha arenítica maciça, do lado do sol poente, acha-se coberta de petroglifos em forma de figuras paralelogramáticas, triangulares, antropomorfas e irregulares. A parte superior da rocha projeta-se algo para a frente, formando do local dos petroglifos uma espécie de abrigo-sob-rocha. Os traços possuem 4 mm de profundidade máxima e outro tanto de largura máxima. (Fig. 5).

Água mais próxima: Córrego a cem metros. A 500 metros, cascata de 30 metros de altura.

Vegetação: Capoeiras e, a pouca distância, roça.

Observações: O sítio dista aproximadamente dois quilômetros do anterior e os petroglifos são compostos de motivos de desenho análogos, sugerindo cultura idêntica.

SC—Urubici—14.

Proprietário: Müller e Filhos, Cia. Ltda.

Localidade: Morro Pelado.

Delimitação e descrição do sítio: Uma superfície de 1 metro quadrado de rocha arenítica, encimando a boca de pequeno abrigo sob-

rocha, acha-se coberta de petroglifos, em forma de figuras paralelogramáticas e triangulares, gravados na rocha, alcançando os traços a profundidade máxima de 4 mm, com outro tanto de largura. (Fig. 6).

Água mais próxima: A 50 metros, lagoinha.

Vegetação: Samambaia, capim e capoeiras, ao redor.

SC—Urubici—34.

Proprietário: Raulino Niehus

Localidade: São Pedro.

Delimitação e descrição do sítio: Uma área de 10 metros quadrados da parede do fundo de grande abrigo sob-rocha, chamado "casa de pedra", acha-se coberta de inscrições rupestres, gravadas na rocha arenítica. As inscrições são compostas de extensas linhas curvas, anéis irregulares e pontos muito engrossados, entrelaçados e ligados entre si de múltiplas maneiras. Estes petroglifos afastam-se dos anteriormente relacionados quanto aos motivos de desenho. Nota-se a ausência das figuras triangulares e paralelogramáticas características. (Fig. 7).

Água mais próxima: Arroio a 10 metros.

Vegetação: Mata e mais adiante pasto.

SC—Petrolândia—11

Proprietário: Leonardo Passing.

Localidade: Rio Horácio.

Delimitação e descrição do sítio: Um metro quadrado de superfície de um bloco isolado de arenito, localizado em um pasto aberto, acha-se coberto de petroglifos gravados na rocha, formando figuras de quadriláteros irregulares. Observam-se também vestígios de petroglifos em duas faces laterais do bloco. Estes, porém, foram apagados, quase por completo, pelas intempéries.

Água mais próxima: Arroio a poucos metros.

Vegetação: Pasto com grama.

Observações: Segundo informações recebidas, existe outro bloco de arenito com inscrições rupestres a alguns quilômetros do local. Aquêlo bloco, porém, acha-se perdido na mata, sendo difícil a sua localização em meio ao matagal.

B. — SÍTIOS DE SEPULTAMENTOS JUNTO A CASCATAS

SC—Petrolândia—1

Proprietário: João Coelho.

Localidade: Londrina.

Delimitação e descrição do sítio: Trata-se de três abrigos sob-rocha, sôbre-postos no mesmo paredão de rocha, de acesso difícil. Os abrigos aproximadamente do mesmo formato, possuem bôca muito larga e alta; mas perdem rapidamente em altura para o interior da rocha diabásica. A primeira possui 30x5x5 m; a segunda, 40x5x5 m e a terceira, 10x2x2 m. Distam entre si três metros.

Vegetação: Mata.

Água mais próxima: Caindo, em cascata, diante da bôca dos abrigos.

Material arqueológico encontrado: Curiosos retiraram dos abrigos esqueletos humanos e outro material arqueológico. Trouxemos ossos longos e alguns crânios de 17 indivíduos, que nos foram entregues pelos sitiantes. Havia ainda muita ossada humana esparsa pelo chão dos abrigos.

Observações: Segundo informações recebidas, inicialmente havia tanta ossada naqueles abrigos que daria para encher uma "carrêta de boi". Foram encontrados nos abrigos também dentes de mamíferos perfurados e contas de colar de conchas.

SC—Petrolândia—3.

Proprietário: Guilherme Schwoembach

Localidade: Rio Galego.

Delimitação e descrição do sítio: Abrigo sob-rocha de 10x2x5 m, em paredão de diabásio. O abrigo diminui rapidamente em altura, à medida que avança para dentro da rocha.

Vegetação: Mata.

Água mais próxima: Caindo, em cascata, diante da bôca do abrigo.

Material arqueológico encontrado: Esqueletos humanos, cobertos de húmus e pedregulho caído do teto.

Pesquisas anteriores: Nenhuma. O dono deixou os esqueletos no lugar.

Observações: O sítio, menos rico em material arqueológico que o anterior, em compensação parece ter sido menos perturbado.

SC—Petrolândia—4.

Proprietário: Fernando Mafra.

Localidade: Indaiá.

Delimitação e descrição do sítio: Abrigo sob-rocha de 5x1x1 m, em paredão diabásico, com estalagmites e estalactites.

Água mais próxima: Cai, em cascata, diante da boca do abrigo.

Vegetação: Mata.

Material arqueológico encontrado: Um dos sitiante retirou um esqueleto humano do abrigo.

Observações: Sendo pouco espaçoso, aquêlo abrigo, possivelmente pouca coisa conserve de material arqueológico. Existem, no entanto, nos paredões de rocha dos arredores, muitos outros abrigos ainda não devassados.

SC—Petrolândia—10.

Proprietário: Heriberto Eger

Localidade: Rio Horácio

Delimitação e descrição do sítio: Extenso abrigo sob-rocha, de 30x4x5 m de rocha diabásica, diminuindo rapidamente em altura, à medida que avança para dentro da rocha. O chão do abrigo é formado por espessa camada arqueológica.

Água mais próxima: Cai, em bela cascata, diante da boca do abrigo.

Vegetação: Mata.

Material arqueológico encontrado: Não tentamos abrir trincheira: porque vínhamos com numerosa comitiva de curiosos e seria perigoso despertar-lhe a atenção mediante a descoberta de um esqueleto humano.

Observações: Trata-se de um sítio extenso, importante e de difícil acesso; devido a isto bem conservado.

SC—Rancho Queimado—1.

Proprietário: Francisco Senz.

Localidade: Invernadinha.

Delimitação e descrição do sítio: Abrigo sob-rocha de 7x3x3 m, em paredão de diabásio.

Vegetação: Mata.

Água mais próxima: Cai, em cascata, diante da boca do abrigo.

Material arqueológico encontrado: Ossadas humanas de diversos esqueletos.

Observações: O sítio foi muito visitado e remexido por curiosos e possivelmente pouca coisa de material arqueológico reste no mesmo. De mais a mais é preciso percorrer 15 km de estrada precária para alcançá-lo.

SC—Atalanta—1

Proprietário: Eurico Gropp.

Localidade: Vila Gropp.

Delimitação e descrição do sítio: Trata-se de imenso grotão, formado por uns 1.500 metros de paredão rochoso, que se estende, de um e do outro lado do Rio D. Luiza, o qual cai abruptamente 53 metros diante do paredão.

Material arqueológico encontrado: Em pequeno abrigo sob-rocha foi localizado um esqueleto humano.

Vegetação: Mata.

Água mais próxima: Cai, em belíssima cascata, diante do abrigo.

Observações: No extenso paredão rochoso coberto de mata e ainda não devassado, possivelmente existem mais abrigos. É local muito pitoresco, de grandes possibilidades turísticas.

SC—Imbuia—1.

Proprietário: Manoel Bernardino de Andrade.

Localidade: Campo das Flôres.

Delimitação e descrição do sítio: Abrigo sob-rocha de 40x6x4 m, em paredão de rocha diabásica.

Vegetação: Mata e, a pouca distância, roça.

Água mais próxima: Cai, em cascata, diante da bôca do abrigo.

Material arqueológico encontrado: Encontramos amontoados no abrigo grande número de ossadas de adultos e crianças. Faltavam, porém, os crânios, que haviam sido carregados por curiosos.

Observações: Sendo o abrigo muito espaçoso, possivelmente conserve ainda abundante material arqueológico.

SC—Ituporanga—1.

Proprietário: Dorvalino Luhmann.

Localidade: Bela Vista.

Delimitação e descrição do sítio: Pequena gruta, de 1,5 m de diâmetro e 2 m de profundidade, na rocha mole de arenito. Dá a impressão, de ter sido cavada artificialmente. É de acesso muito difícil.

Água mais próxima: Cascata a 50 metros.

Vegetação: Mata.

Material arqueológico encontrado: Encontramos restos de esqueletos humanos: costelas vértebras e falanges.

Observações: O abrigo é muito conhecido nos arredores; foi muito perturbado e parece esgotado quanto a material arqueológico.

SC—Bom Retiro—8

Proprietário: Pedro Fernandes

Localidade: Paraíso da Serra (Atrás da Serra).

Delimitação e descrição do sítio: Abrigo sob-rocha de 8x3x3 m em paredão de rocha diabásica, de difícil acesso.

Vegetação: Mata.

Água mais próxima: Cai em cascata, diante da boca da gruta, uns 15 m de altura.

Material arqueológico encontrado: Curiosos retiraram do abrigo ossadas de 15 esqueletos, cerâmica, pontas de flecha, objetos de adorno de conchas. Encontramos, esparsos, no chão do abrigo, fragmentos de mandíbula, costelas, vértebras, rótulas, falanges e ossos do tarso.

Observações: Sítio muito importante; mas infelizmente muito depredado. De mais a mais, para chegar ao local, é preciso atravessar um rio e grande número de arroios empedrados e sem pontes e viajar 30 km por estrada muito precária.

SC—Bom Retiro—15.

Proprietário: João Werner.

Localidade: Barro Branco Velho.

Delimitação e descrição do sítio: Extenso abrigo sob-rocha de 30x5x3 m, em paredão de arenito.

Vegetação: Mata.

Água mais próxima: Cai, em cascata, diante da boca do abrigo.

Material arqueológico encontrado: Curiosos, remexendo uma área de cinco metros quadrados, no chão do abrigo, retiraram algumas caveiras. Encontramos, esparsos, na área perturbada, restos de ossadas de adultos e crianças.

Observações: Trata-se de sítio muito importante e relativamente pouco perturbado.

SC—Alfredo Wagner—5

Proprietário: Orival Althoff .

Localidade: Lomba Alta.

Delimitação e descrição do sítio: Espaçoso abrigo sob-rocha, de 60x10x19 m, em paredão de arenito.

Vegetação: Mata.

Água mais próxima: Cai em cascata, de 15 metros de altura, diante da boca do abrigo.

Material arqueológico encontrado: A vinte anos passados foi encontrado um esqueleto humano no abrigo e enterrado em outro lugar. Depois o abrigo foi transformado em oratório, sem ter sido mexido na camada arqueológica.

Observações: Trata-se de sítio muito importante, em nada perturbado, com espessa e extensa camada arqueológica. O dono não se opõe à pesquisa científica.

SC—Urubici—6

Proprietário: Igreja da localidade.

Localidade: Santa Tereza.

Delimitação e descrição do sítio: Abrigo em paredão de rocha diabásica. O abrigo foi alargado, calçado e murado, com o fim de transformá-lo em santuário.

Material arqueológico encontrado: Foram retiradas do abrigo ossadas de uma série de esqueletos humanos, que, durante anos, achavam-se guardados no local em uma caixa de querosene.

Observações: O sítio foi destruído, nada mais restando de material arqueológico no local. A água cai, em cascata, diante da boca do abrigo.

SC—Urubici—7.

Proprietário: Adalberto Matos.

Localidade: Rio Bonito.

Delimitação e descrição do sítio: Abrigo de 6x3x4 m, em rocha diabásica, ladeado de nichos menores.

Água mais próxima: Cai, em cascata, diante da boca do abrigo, de uma altura de 15 metros.

Vegetação: Mata.

Material arqueológico encontrado: Curiosos retiraram do abrigo ossadas de esqueletos humanos e pontas de flecha. Em um dos nichos laterais, encontramos, bem conservados, um perônio, uma tíbia, costelas, omoplatas e falanges de um esqueleto.

Observações: Parece nada mais restar no local de material arqueológico.

SC—Urubici—27.

Proprietário: Arcelino Policarpo de Souza.

Localidade: Santa Barbara.

Delimitação e descrição do sítio: Espaçosa gruta de 19x2x13 m, em paredão de diabásio. Situa-se em uma garganta cavada pelas

águas do rio Baú, que corre defronte da bôca da gruta. Para alcançar a gruta, é preciso descer íngreme perau e seguir uns 50 metros, leito do rio abaixo.

Água mais próxima: O rio Baú passa defronte da bôca da gruta.

Vegetação: Mata.

Material arqueológico encontrado: Segundo informações recebidas do dono, inicialmente foram encontrados 68 esqueletos humanos dentro da gruta. Curiosos andaram depredando a gruta durante vinte anos. Assim mesmo encontramos esparsos pelo chão da mesma, muitas ossadas; porém, sem crânios.

Observações: A camada arqueológica da gruta, de um metro de espessura, foi pouco perturbada e talvez compense uma escavação. Este sítio foi visitado, antes de nós, pelo Prof. Walter Piazza, da UFSC.

SC—Urubici—28.

Proprietário: José Oliveira Costa.

Localidade: Vacas Gordas.

Delimitação e descrição do sítio: Abrigo de 20x2x5 metros, em paredão de diabásio.

Água mais próxima: Caindo, em fios, diante da bôca do abrigo. A 20 metros cascata.

Vegetação: Mata.

Material arqueológico encontrado: Caçadores retiraram algumas caveiras do abrigo. Esparsas, no chão do abrigo, encontramos ossadas de esqueletos de crianças e adultos. Junto de um dos esqueletos foram encontrados restos de trançado de fibra vegetal.

Observações: A 5 km do local existe outro abrigo com ossadas humanas, que foi visitado e registrado pelo Prof. Walter Piazza, segundo informações recebidas da parte dos sitiantes.

C. — CASAS SUBTERRÂNEAS

SC—Bom Retiro—1.

Proprietário: Adolfo Feiber.

Localidade: Entrada de Bom Retiro.

Delimitação e descrição do sítio: Quatro casas subterrâneas, oscilando em diâmetro de três a cinco metros e, em profundidade, de dois a três metros. Acham-se dispostas em linha reta e distanciadas entre si de três a quatro metros.

Água mais próxima: Arroio a 100 metros.

Vegetação: Campo gramado.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira; porque não havia interesse em perturbar o sítio, ainda intato. As crateras abertas revelam a natureza do sítio.

Observações: Aquelas quatro crateras, localizadas a pouca distância da estrada geral, oferecem campo propício para pesquisas futuras.

SC—Bom Retiro—2.

Proprietário: Leonardo Boll.

Localidade: Entrada de Bom Retiro.

Delimitação e descrição do sítio: Três casas subterrâneas, de três a seis metros de diâmetro e um a três metros de profundidade, distanciadas entre si cem metros.

Água mais próxima: A poucos metros, vertente.

Vegetação: Campo gramado com árvores esparsas.

Material arqueológico encontrado: Foi encontrada cerâmica indígena junto às crateras.

Observações: O dono aterrou as crateras, para impedir que o gado caia dentro das mesmas. Em decorrência disto, a exploração tornar-se-á trabalhosa; sendo preciso retirar primeiramente o atêrro.

SC—Bom Retiro—4.

Proprietário: Alberto Prá.

Localidade: Campo Novo do Sul.

Delimitação e descrição do sítio: Quatro casas subterrâneas dispostas em semicírculo, oscilando em diâmetro de dois a seis metros e, em profundidade, de um a três metros.

Água mais próxima: Vertente, a 100 metros.

Vegetação: Campo gramado, com pinheiros esparsos.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira; porque não havia interesse em perturbar o sítio ainda intato.

Observações: O sítio oferece boas condições para a exploração científica; porque o carro encosta no mesmo.

SC—Bom Retiro—5.

Proprietário: Teófilo e Waldoni Gridtner.

Localidade: Entrada de Bom Retiro.

Delimitação e descrição do sítio: Cinco casas subterrâneas, dispostas linearmente, em um capão de mato do campo. As crateras oscilam, em diâmetro, de quatro a cinco metros e encontram-se bas-

tante entulhadas com fôlhas e húmus, que impede uma avaliação, mesmo aproximada, de sua profundidade.

Água mais próxima: Vertente, a cem metros.

Vegetação: Mata e campo gramado, com pinheiros esparsos.

Material arqueológico encontrado. Não foram abertas trincheiras no sítio, que se encontra ainda intato.

Observações: Segundo informações dos proprietários, existe grande número de casas subterrâneas nas fazendas vizinhas. O povo toma àquelas crateras por uma espécie de trapeiras dos índios, para a captura de antas.

SC—Bom Retiro—10.

Proprietário: João Menegaz.

Localidade: Campo Novo do Sul.

Delimitação e descrição do sítio: Dez casas subterrâneas, distribuídas sobre área de 50 mil metros quadrados, no campo. As crateras oscilam, em diâmetro, de três a dez metros e, em profundidade, de um a três metros; achando-se tôdas parcialmente entulhadas.

Água mais próxima: Córrego, a 50 metros.

Vegetação: Campo gramado, com árvores esparsas e capões de mato.

Material arqueológico encontrado: Numa trincheira aberta em uma das crateras foi recolhido cerâmica, carvão vegetal e material lítico trabalhado.

SC—Alfredo Wagner—4.

Proprietário: Balcino Wagner.

Localidade: Alfredo Wagner.

Delimitação e descrição do sítio: Duas casas subterrâneas, de três e cinco metros de diâmetro e dois metros de profundidade.

Água mais próxima: A dez metros, vertente.

Vegetação: Arbustiva e capoeiras.

Material arqueológico encontrado: Uma trincheira aberta em uma das crateras revelou a presença de carvão vegetal e material lítico lascado e polido.

SC—Alfredo Wagner—6.

Proprietário: Orival Althoff.

Localidade: Lomba Alta.

Delimitação e descrição do sítio: Duas casas subterrâneas, de seis e sete metros de diâmetro e quatro metros de profundidade.

Água mais próxima: Arroio, a 200 metros.

Vegetação: Campo gramado com pinheiros e outras árvores esparsas.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira para não perturbar o sítio ainda intato.

Observações: Em uma das crateras o dono enterrou um equino e jogou paus e entulho.

SC—Urubici—4.

Proprietário: Terezinha Souza.

Localidade: Urubici.

Delimitação e descrição do sítio: Duas casas subterrâneas de seis metros de diâmetro e quatro metros de profundidade, cavadas na rocha mole de arenito e bastante limpas por dentro.

Água mais próxima: A trinta metros, córrego.

Vegetação: Mata.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma para evitar perturbações do sítio.

Observações: Aquelas duas crateras oferecem boas condições para a exploração científica; de vez que há pouco entulho a remover.

SC—Urubici—11.

Proprietário: João Wieggers.

Localidade: Santo Antônio.

Delimitação e descrição do sítio: Duas casas subterrâneas, uma de oito metros de diâmetro e quatro metros de profundidade (Fig. 8); a outra de dois metros de diâmetro e um metro de profundidade.

Água mais próxima: Arroio, a trinta metros.

Vegetação: Mata rala de campo.

Material arqueológico encontrado: Na casa maior, escavada, foram recolhidos 2.235 cacos de cerâmica, carvão vegetal e centenas de artefatos líticos, parte polidos, parte lascados. Havia, no fundo da cratera, uma camada de carvão vegetal de dez a quinze centímetros de espessura, de mistura com cerâmica e material lítico.

Observações: A casa subterrânea escavada situa-se a cem metros de uma galeria subterrânea, que encerra cerâmica, com as mesmas características.

SC—Urubici—12.

Proprietário: Daniel Niehus.

Localidade: São Pedro.

Delimitação e descrição do sítio: Uma casa de oito metros de diâmetro e quatro metros de profundidade.

Água mais próxima: A 50 metros, vertente e a 200 metros, Rio Canoas.

Vegetação: Campo gramado e vegetação arbustiva.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma para não perturbar o sítio.

Observações: Tratando-se de uma cratera, relativamente grande e isolada, compensaria uma escavação. O veículo encosta no sítio.

SC—Urubici—20.

Proprietário: Laudelino Borguezan.

Localidade: Santo Antônio.

Delimitação e descrição do sítio: Quatro casas subterrâneas, oscilando em diâmetro de dois a quatro metros. Encontram-se bastante entulhadas com húmus e detritos vegetais, apresentando profundidade máxima de um metro.

Água mais próxima: A 50 metros, vertente.

Vegetação: Em capão de mato, no campo.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma para não perturbar o sítio.

Observações: Uma das crateras foi escavada por caçadores de tesouros, que drenaram a água, abrindo um canal, a partir da cratera, até o declive próximo.

A 300 metros das casas subterrâneas existem galerias subterrâneas: SC—Urubici—19.

SC—Urubici—23.

Proprietário: Cevaldo Zappellini.

Localidade: Urubici—Esquina.

Delimitação e descrição do sítio: Três casas subterrâneas, oscilando em diâmetro de três a sete metros. Situam-se em campo aberto e acham-se muito entulhadas.

Água mais próxima: Vertente e lagoinha a 50 metros.

Vegetação: Campo gramado, com pinheiros e outras árvores esparsas.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma para não perturbar o sítio.

Observações: A cem metros das casas subterrâneas existe um sítio cerâmico aberto e um terreiro de antiga aldeia.

SC—Urubici—30.

Proprietário: José Gonçalves Farias.

Localidade: Vacas Gordas.

Delimitação e descrição dos sítios: Nove casas subterrâneas, oscilando em diâmetro de três a cinco metros e metro a metro e meio de profundidade. Acham-se esparsas sobre área de uns 500 metros quadrados.

Água mais próxima: A dez metros, arroio.

Vegetação: Campo, com denso capoeiral.

Material arqueológico encontrado: Pequena trincheira, aberta em uma das crateras, revelou a presença de carvão vegetal e material lítico, pouco expressivo.

Observações: A 200 metros das casas subterrâneas existe um sítio de sepultamento, junto à cascata: SC—Urubici—28.

SC—Urubici—31.

Proprietário: João Bonin.

Localidade: Santo Antônio.

Delimitação e descrição do sítio: Duas casas subterrâneas, de cinco, respectivamente, oito metros de diâmetro.

Quarenta anos de lavoura ao redor das casas subterrâneas não conseguiram nivelá-las com o solo. Apresentam ainda uma profundidade de dois a três metros.

Água mais próxima: A 200 metros, Rio Canoas.

Vegetação: Roça ao redor; nas paredes das crateras, espinheiros.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma.

Observações: Devido às dimensões avantajadas, a escavação daquelas duas crateras, será compensadora. O veículo encosta no sítio.

D. — GALERIAS SUBTERRÂNEAS

SC—Bom Retiro—6.

Proprietário: Flares Figueiredo de Oliveira.

Localidade: Campina João Paulo.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea, vulgarmente chamada, "Toca dos Padres", cavada em rocha mole de arenito argiloso. A bôca é pequena, em declive para dentro, o teto abaulado. Internamente a galeria possui formato cilíndrico, com metro e meio de diâmetro e trinta metros de comprimento. Possui duas curtas galerias laterais, de três, respectivamente, cinco metros de comprimento. Nas paredes observam-se sinais de picareta e de uma cavadeira pectiforme, que deixa marcas como que de garras de animais. No chão, evidências de atividades intensas de tatus.

Água mais próxima: A 200 metros, arroio.

Vegetação: Mato fechado por denso taquaral.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma, naquela galeria. Trincheiras abertas em outras galerias similares revelaram a presença de cerâmica e seixos trabalhados.

Observações: O dono julga que a galeria é obra dos antigos jesuítas. A galeria foi descoberta por caçadores, quando a cachorrada, em perseguição a uma manada de porcos do mato, continuou latindo, debaixo do solo.

SC—Bom Retiro—9.

Proprietário: Roberto Wieggers.

Localidade: Cambará.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea, cavada no arenito mole, com teto abaulado, possuindo vinte metros de comprimento e metro e meio de diâmetro. Acha-se muito entulhada por blocos caídos do teto. É preciso entrar de rasto. Nas paredes há sinais de picareta e de cavadeira, que deixa marcas como que de garras de animais.

Água mais próxima: Uma sanga, a poucos metros.

Vegetação: Em capão de mato, no campo.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma.

Observações: A galeria foi descoberta quando um suíno, perseguido por cães, refugiou-se nela e a cachorrada prosseguiu latindo, debaixo do solo.

SC—Bom Retiro—13.

Proprietário: Nabor Kill.

Localidade: Campo Novo do Sul.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea muito entulhada; porque parte de uma cratera afunilada, possivelmente casa subterrânea. A galeria encontra-se ainda aberta, numa extensão de seis metros, com metro e meio de diâmetro.

Água mais próxima: A 50 metro, arroio.

Vegetação: Num morro, coberto de mato ralo e taquaral.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquela galeria.

SC—Urubici—3.

Proprietário: Müller e Filhos, Cia., Ltda.

Localidade: Morro Pelado ou Bico das Tocas.

Delimitação e descrição do sítio: Três galerias subterrâneas, cavadas em rocha mole de arenito. A primeira possui dezessete metros

de comprimento e dois a três metros de diâmetro, a segunda, com uns quarenta metros de comprimento, atravessa o flanco do morro; a terceira, bastante entulhada, possui quinze metros de comprimento. As galerias são visitadas pelo público e apresentam sinais de vandalismo.

Água mais próxima: A cinqüenta metros, lagoinha.

Vegetação: Morro com gramíneas e pinheiros esparsos.

Material arqueológico encontrado: Segundo informações fidedignas de testemunhas ainda vivas, o Dr. Bleyer, de Lages, retirou, de uma das galerias, numerosos esqueletos indígenas.

Observações: Caçadores de tesouros alargaram a primeira das galerias e cavaram no fundo da lagoinha.

SC—Urubici—5.

Proprietário: Olivar Prá.

Localidade: Águas Brancas.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea, cavada em rocha mole de arenito, com trinta metros de comprimento e metro e meio a dois metros de diâmetro e diversas galerias laterais, de oito a doze metros de comprimento. A boca da galeria é pequena, sendo preciso entrar de rasto. Possui outras bocas, algo entulhadas.

Água mais próxima: a trezentos metros, arroio.

Vegetação: Em um morro, coberto de mata rala e capoeiras.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira, naquela galeria.

Observações: A galeria é relativamente limpa; foi pouco visitada e examinada apenas à luz precária de vela e foco de lâmpada de bôlso.

SC—Urubici—9.

Proprietário: Valentim Albino Pereira.

Localidade: Rio dos Bugres.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea, cavada em rocha mole de arenito, de trinta metros de comprimento e metro e meio de diâmetro. Possui duas galerias laterais de cinco, respectivamente, dez metros de comprimento e uma sala maior, na bifurcação das galerias, com uma coluna de rocha, deixada em pé para sustentar o teto. Nas paredes há sinais de picareta e de uma cavadeira, que deixa marcas como que de garras de animais.

Água mais próxima: Arroio, a oitenta metros.

Vegetação: Num morro, com grama, capoeiras e árvores esparsas.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira naquela galeria.

Observações: Esta galeria foi fotografada interna e externamente. (Pr. I).

SC—Urubici—10.

Proprietário: João Wieggers.

Localidade: Santo Antônio.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea, com quatro galerias laterais e cinco bôcas, cavada em rocha mole de arenito. A galeria principal possui trinta metros de comprimento e metro e meio de diâmetro, com formato cilíndrico. As galerias laterais são curtas, de dois a quatro metros. As bôcas, com exceção de uma, achavam-se fechadas com pedras e húmus.

Água mais próxima: A cinqüenta metros, arroio.

Vegetação: Num morro, com mato ralo e pinheiros esparsos.

Material arqueológico encontrado: No interior da galeria foram encontrados alguns cacos de cerâmica e pedras com sinais de uso. Ao ser aberta uma das bôcas fechadas, foram recolhidos passante trinta cacos de cerâmica.

Observações: A cem metros da galeria existem duas casas subterrâneas com cerâmica análoga.

SC—Urubici—13.

Proprietário: Evando Krüger.

Localidade: Urubici—Esquina.

Delimitação e descrição do sítio: Duas galerias subterrâneas, cavadas em rocha mole de arenito. A primeira, a vinte metros da entrada, bifurca-se em duas, que se encontram, ambas parcialmente entulhadas. A segunda encontra-se entulhada a dez metros da bôca, mas o foco ilumina, por cima do entulho, mais uns dez metros. As bôcas são pequenas, sendo preciso entrar de rastro. O interior possui metro e meio de diâmetro, teto abaulado e formato cilíndrico. Foi encontrado um tatu vivo no interior de uma das galerias.

Água mais próxima: A cem metros, arroio.

Vegetação: Num morro, coberto de mata rala, capoeiras e pinheiros esparsos.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira naquelas galerias.

Observações: As galerias, apesar de sua localização próxima a cidade, foram pouquíssimas vêzes visitadas.

SC—Urubici—15.

Proprietário: Alberto Warmeling.

Localidade: Rio Cachimbo.

Delimitação e descrição do sítio: Uma série de galerias subterrâneas, cavadas em rocha mole de arenito, correndo umas paralelas às outras e interligadas entre si; outras laterais e divergentes, com quatro bôcas pequenas, abertas, sendo preciso entrar de rasto. Internamente possuem formato cilíndrico, com metro e meio a dois metros de diâmetro. Nas paredes há sinais de picareta e de cavadeira, que deixa marcas como que de garras de animais.

Água mais próxima: A dez metros, arroio.

Vegetação: Num morro, coberto de mata, com pinheiros esparsos.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquelas galerias.

Observações: As galerias encontram-se relativamente limpas; mas apenas raras vezes foram visitadas.

SC—Urubici—17.

Proprietário: Viúva Osvaldo Salvador.

Localidade: São José.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria de seis metros de comprimento e metro e meio de diâmetro, cavada na rocha sedimentar de folhelho escuro. O chão acha-se coberto de entulho e pedregulho, caído do teto.

Água mais próxima: Arroio, a poucos metros.

Vegetação: Na encosta do morro, coberto de mato.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquela galeria.

Observações: A galeria foi muitas vezes visitada e remexida por curiosos.

SC—Urubici—19.

Proprietário: Laudelino Borguezan.

Localidade: Santo Antônio.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea, cavada em rocha mole de arenito. Possui trinta metros de comprimento com metro e meio de diâmetro e formato cilíndrico. A bôca é estreita, sendo preciso entrar de rasto. Certos trechos do interior são atravessados por um veio de água, que lava o fundo, deixando-o limpo de detritos. Nas paredes existem sinais de picareta e de cavadeira pectiforme, que deixa marcas como que de garras de animais. No interior, sente-se cheiro forte de graxains.

Água mais próxima: Corre pelo interior da galeria:

Vegetação: Num morro, coberto de mata e capoeiras.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquela galeria.

Observações: A boca achava-se fechada por capoeiras, sinal que há muito tempo a galeria já não havia sido visitada.

SC—Urubici—24.

Proprietário: Leovigildo Machado de Souza.

Localidade: Pedra Branca.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea de teto abaulado, cavada na rocha mole de arenito. Examinamos o interior, até uns dez metros de boca, à luz precária de fósforo, constatando a presença dos sinais característicos de cavadeira pectiforme, que deixa marcas como que de garras de animais. A galeria acha-se bastante entulhada e um lance, que desce morro abaixo, encontra-se entupido.

Água mais próxima: A cem metros, arroio.

Vegetação: Morro, coberto de mata e capoeira.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquela galeria.

SC—Urubici—25.

Proprietário: Guilherme Auras.

Localidade: Urubici.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea, cavada em rocha mole de arenito, com formato cilíndrico, vinte metros de comprimento e dois metros de diâmetro. Possui duas curtas galerias laterais e três bocas, tendo a boca principal sido alargada. O interior é limpo; mas a água goteja do teto e forma poças no chão da galeria.

Água mais próxima: A vinte metros, arroio.

Vegetação: Num pasto gramado, com samambaia.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquela galeria.

Observações: Possivelmente a boca principal tenha sido alargada por caçadores de tesouros.

SC—Urubici—26.

Proprietário: Alvacir Nazari.

Localidade: Urubici.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea, cavada em rocha mole de arenito. Acha-se aberta apenas até uma extensão de quatro metros; o restante encontra-se entulhado.

Água mais próxima: A vinte metros, arroio.

Vegetação: Num morro, com pasto gramado e pinheiros esparsos.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquela galeria.

SC—Urubici—32.

Proprietário: Valdemiro Farias de Souza.

Localidade: Rio Cachimbo.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea, cavada em rocha mole de arenito. Possui três bôças; mas acha-se muito obstruída. O foco ilumina cinco metros, por cima do entulho. Não entramos por achar-se tudo encharcado, devida às chuvas.

Água mais próxima: A trinta metros, arroio.

Vegetação: Na encosta de um morro, que faz parte de um pasto gramado, com pinheiros esparsos.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquela galeria.

Observações: A menos de um quilômetro, existe outra galeria, bem mais extensa. SC—Urubici—15.

SC—Urubici—33.

Proprietário: Pedro Tomaz de Souza.

Localidade: Morrinho do Rio dos Bugres.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea, cavada na rocha mole de arenito. A galeria possui uns quinze metros de comprimento e duas bôças abertas. O diâmetro oscila de metro e meio a dois metros. No chão há espessa camada arqueológica. É ampla e bastante limpa; porém, de acesso difícil, na encosta de alto morro.

Água mais próxima: Arroio, a cinqüenta metros.

Vegetação: Mata.

SC—Lages—1.

Proprietário: Agenor Sutil de Oliveira.

Localidade: Capitão Mor.

Delimitação e descrição do sítio: Galeria subterrânea, cavada em rocha mole de arenito. A bôça encontra-se na parede de uma cratera, possivelmente casa subterrânea. A galeria possui quarenta metros de comprimento; mas a água arrastou dentro da mesma terra, nós de pinho e outros detritos vegetais, entulhando-a pela metade. Possui metro e meio de diâmetro e forma cilíndrica. Nas paredes observam-se sinais de picareta e de cavadeira pectiforme, que deixa marcas como que de garras de animais.

Água mais próxima: Arroio, a cinqüenta metros.

Vegetação: Num morrinho, em campo gramado.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquela galeria.

Observações: Foi difícil convencer o dono a mostrar-nos a galeria. Ele desconfia que haja tesouros escondidos na galeria.

SC.—Urubici—18.

Proprietário: Manoel Galdino Gaspar.

Localidade: Rio dos Bugres.

Delimitação e descrição do sítio: Uma série de galerias subterrâneas, atravessando em diversas direções o morro de arenito mole.

Água mais próxima: Arroio, a cinqüenta metros.

Vegetação: Morro com pasto gramado e pinheiros esparsos.

Material arqueológico encontrado: Seixos de diabásio trabalhados e petroglifos.

Observações: Caçadores de tesouros há quarenta anos passados, fizeram grandes escavações naquelas galerias, abrindo umas por cima e alargando outras por dentro. O Boletim do Museu Nacional, Vol. IX, N.º 1, 1933 fala daquelas galerias.

SC—Bom Retiro—16.

Proprietário: Flares Figueiredo de Oliveira.

Localidade: Rio Jacinto.

Delimitação e descrição do sítio: Extensas galerias subterrâneas, cavadas em rocha mole de arenito, com formato cilíndrico e metro e meio de diâmetro. Nas paredes há sinais de picareta e de cava-deira, que deixa marcas como que de garras de animais. As galerias possuem oito bôcas e, segundo planta em nosso poder, teriam acima de cem metros de comprimento, com salas maiores e colunas, deixadas em pé para sustentar o teto. Conseguimos entrar apenas 15 metros dentro das galerias; porque encontramos uma poça de água gelada, que se elevava a quase um metro de altura, em decorrência de fortes chuvas, que haviam caído.

Água mais próxima: Arroio, a cem metros.

Vegetação: Num morro, coberto de mata.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquela galeria.

Observações: Segundo a planta, elaborada por um advogado, aquelas galerias seriam as mais extensas já registradas.

E. — TERREIROS DE ANTIGAS ALDEIAS

SC—Petrolândia—2.

Proprietário: Dorvalino Momm.

Localidade: Londrina — Barra Nova.

Delimitação e descrição do sítio: Terreiro de antiga aldeia, que é assinalado por uma coroa de terra, de vinte metros de diâmetro e vinte centímetros de altura, ao redor do tôpo do morro, que foi parcialmente nivelado. O solo, dentro daquele círculo, é duro e compacto, como que socado.

Água mais próxima: A cem metros, arroio.

Vegetação: Denso capoeiral.

Material arqueológico encontrado: As trincheiras abertas revelaram a presença de uma camada arqueológica, de quarenta centímetros de espessura, com carvão vegetal, cerâmica e seixos trabalhados.

Observações: Os sítiantes atuais consideram aquêle sítio um “terreiro de dança” dos índios.

SC—Bom Retiro—7.

Proprietário: João Menegaz.

Localidade: Campo Novo do Sul.

Delimitação e descrição do sítio: Terreiro de antiga aldeia, que é assinalado por uma coroa de terra, de quarenta metros de diâmetro e trinta centímetros de altura, ao redor do tôpo do morro, parcialmente nivelado. No centro há pequena cratera.

Água mais próxima: A cem metros, arroio.

Vegetação: Campo gramado, com árvores esparsas.

Material arqueológico encontrado: As trincheiras abertas revelaram uma camada arqueológica de quarenta centímetros de espessura, com carvão vegetal, cerâmica e artefatos líticos.

Observações: O sítio é considerado como “terreiro de dança” dos índios, pelos moradores atuais.

SC—Bom Retiro—11.

Proprietário: Áureo Castanhero.

Localidade: Campo Novo do Sul.

Delimitação e descrição do sítio: Terreiro de antiga aldeia, assinalado por uma coroa de terra de sessenta e cinco metros de diâmetro e trinta centímetros de altura, ao redor do tôpo do morro.

Água mais próxima: A cem metros, arroio.

Vegetação: Campo gramado, com capões de mato e árvores esparsas.

Material arqueológico encontrado: Na superfície foram recolhidos seixos com sinais de uso. Chuvas pesadas, enchendo os rios, sem pontes, a atravessar, impediram duas tentativas de escavações naquele sítio.

SC—Bom Retiro—14.

Proprietário: Flares Figueiredo de Oliveira.

Localidade: Santa Clara.

Delimitação e descrição do sítio: Terreiro de antiga aldeia, assinalado por uma coroa de terra, de setenta metros de diâmetro e trinta centímetros de altura, ao redor do tôpo do morro. A coroa torna-se, particularmente declarada após a queima do campo, que elimina a vegetação.

Água mais próxima: Vertente, a cem metros.

Vegetação: Campo gramado, com capões de mato e árvores esparsas.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquele terreiro. A coroa de terra é característica daquele tipo de sítios arqueológicos.

Observações: Segundo informações do capataz da fazenda, a coroa de terra antigamente era mais declarada, tendo diminuído em altura no decorrer do tempo, devido à erosão e ao pisoteio do gado.

SC—Urubici—21.

Proprietário: Orlando Eloy Feldmann.

Localidade: Urubici—Esquina.

Delimitação e descrição do sítio: Terreiro de antiga aldeia, assinalado por uma coroa de terra, de vinte metros de diâmetro e trinta centímetros de altura, ao redor do tôpo do morro, tendo no centro um montículo de um metro de altura e três metros de diâmetro.

Água mais próxima: A cem metros, vertente.

Vegetação: Campo gramado, com pinheiros esparsos.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica, carvão vegetal, seixos trabalhados.

Observações: No montículo central, foi encontrado pequeno vaso de cerâmica, muito bem cozida, em forma de cuia.

SC—Urubici—22.

Proprietário: Osvaldo Zappellini.

Localidade: Urubici—Esquina.

Delimitação e descrição do sítio: Terreiro de antiga aldeia, assinalado por uma coroa de terra, de quinze metros de diâmetro e trinta centímetros de altura, tendo no centro um montículo de metro e meio de diâmetro e setenta centímetros de altura.

Água mais próxima: A cem metros, vertente.

Vegetação: Campo gramado, com árvores esparsas.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira alguma naquele sítio.

Observações: O sítio encontra-se bastante perturbado pelos suínos e galináceos de um sítio próximo.

SC—Urubici—29.

Proprietário: David Auras.

Localidade: Urubici—Esquina.

Delimitação e descrição do sítio: Terreiro de antiga aldeia, assinalado por uma coroa de terra de trinta metros de diâmetro e vinte centímetros de altura, ao redor do topo do morro, que foi parcialmente nivelado.

Água mais próxima: A cinquenta metros, vertente.

Vegetação: Campo gramado, com pinheiros e outras árvores esparsas.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica, artefatos líticos e carvão vegetal, até a profundidade de trinta centímetros.

SC—São Joaquim—1.

Proprietário: Paulo Pedro das Neves.

Localidade: Fazenda do Bom Sucesso.

Delimitação e descrição do sítio: Terreiro de antiga aldeia, assinalado por uma coroa de terra de quarenta metros de diâmetro e trinta centímetros de espessura, ao redor do topo do morro, parcialmente nivelado.

Água mais próxima: A cem metros, vertente perene.

Vegetação: Campo gramado, com pinheiros e outras árvores esparsas.

Material arqueológico encontrado: Não foi aberta trincheira, naquele sítio.

F. — OUTROS SÍTIOS ABERTOS

a. — Cerâmicos

SC—Urubici—8.

Proprietário: Valentim Albino Pereira.

Localidade: Campestre.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de cinco mil metros quadrados encontramos esparso material arqueológico.

Água mais próxima: A cem metros, Rio Funil.

Vegetação: Roça recentemente virada a trator.

Material arqueológico encontrado: Machados, batedores, amoladores. Segundo informações do dono, inicialmente ocorria abundante cerâmica no sítio, que foi destruída por anos de intensa lavoura.

SC—Urubici—16.

Proprietário: João Wieggers.

Localidade: Santo Antônio.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de mil metros quadrados é encontrado material arqueológico até uma profundidade de trinta centímetros.

Água mais próxima: Arroio encostado.

Vegetação: Parte capoeiras, parte horta recente.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica lisa e decorada, material lítico lascado, carvão vegetal.

Observações: A cerâmica é análoga à encontrada numa casa subterrânea, que dista trezentos metros do sítio.

b. — Sítios abertos pré-cerâmicos

SC—Petrolândia—5.

Proprietário: Fredolino Defrein.

Localidade: Rio do Jango.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de trezentos metros quadrados, encontramos espalhados, em profusão, artefatos líticos.

Água mais próxima: O sítio localiza-se entre dois córregos.

Vegetação: Roça, jamais virada a arado.

Material arqueológico encontrado: Em coleta de superfície foram recolhidas pontas de flechas, facas, raspadores e aparas de lascamento.

SC—Petrolândia—6.

Proprietário: Longino Wierich.

Localidade: Rio Corrente.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de mil metros quadrados, encontramos espalhado material arqueológico.

Água mais próxima: Rio Corrente, encostado ao sítio.

Vegetação: Pasto gramado e roça.

Material arqueológico encontrado: Pontas de flecha de sílex, facas, núcleos e aparas de lascamento.

Observações: O sítio já fôra perturbado pelo arado do lavrador.

SC—Petrolândia—8.

Proprietário: Ervino Eggers.

Localidade: Petrolândia.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de mil metros quadrados encontramos esparso material arqueológico.

Água mais próxima: Encostado a um banhado.

Vegetação: Capoeira e roça abandonada.

Material arqueológico encontrado: Pontas de flecha de sílex e aparas de lascamento.

SC—Petrolândia—9.

Proprietário: Dorvalino Momm.

Localidade: Londrina.

Delimitação e descrição do sítio: Mancha escura no solo, de quinze metros de diâmetro e trinta centímetros de profundidade, sobre uma lomba de morro.

Água mais próxima: A cinquenta metros, vertente.

Vegetação: Roça de mandioca.

Material arqueológico encontrado: Machados polidos, batedores, profusão de seixos lascados, carvão vegetal, até trinta centímetros de profundidade.

Observações: A camada arqueológica possui altíssimo teor de carvão vegetal, contrastando vivamente com o solo dos arredores.

SC—Bom Retiro—12.

Proprietário João Menegaz.

Localidade: Campo Novo do Sul.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de dois mil metros quadrados, numa lomba de morro, encontramos material arqueológico espalhado.

Água mais próxima: Arroio, a cinquenta metros.

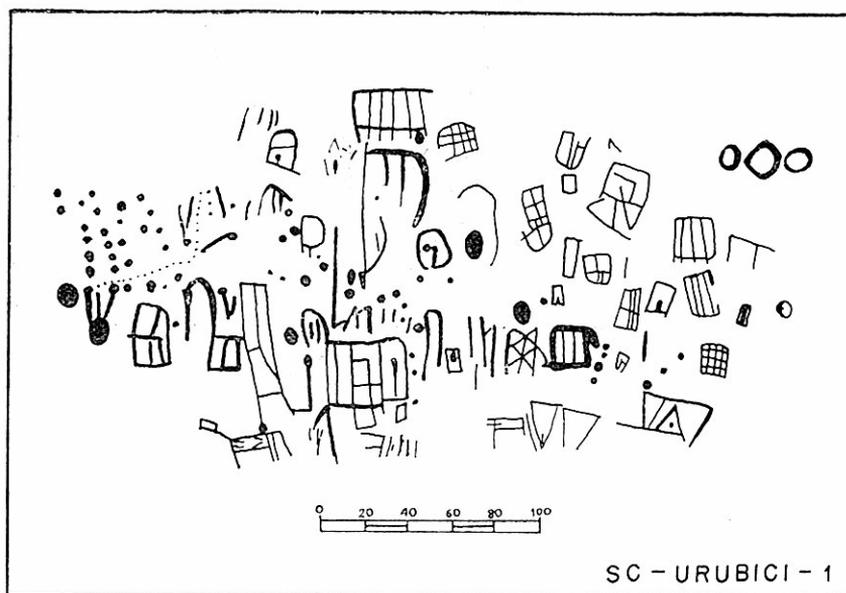
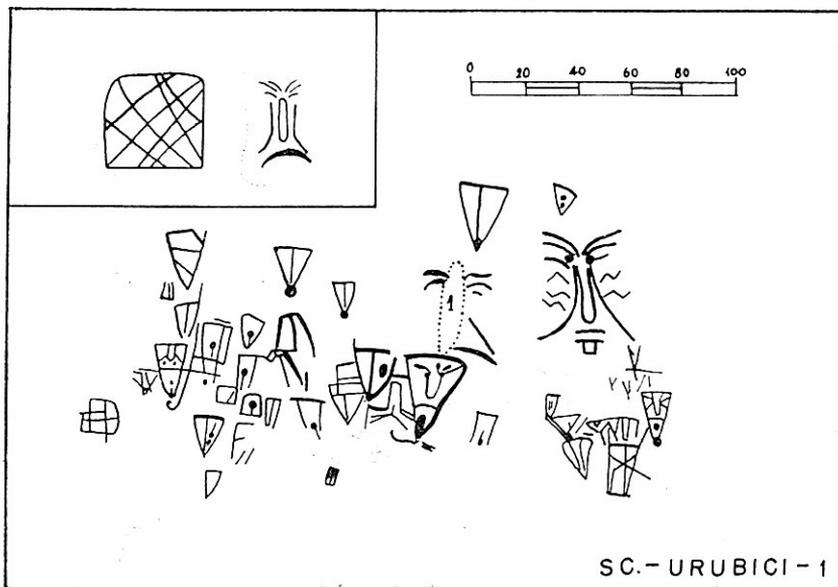
Vegetação: Roça de aveia recentemente semeada.

Material arqueológico encontrado: Machados polidos, pontas de flecha, amoladores, mãos de pilão e profusão de seixos, rolados pelas águas, e seixos lascados.

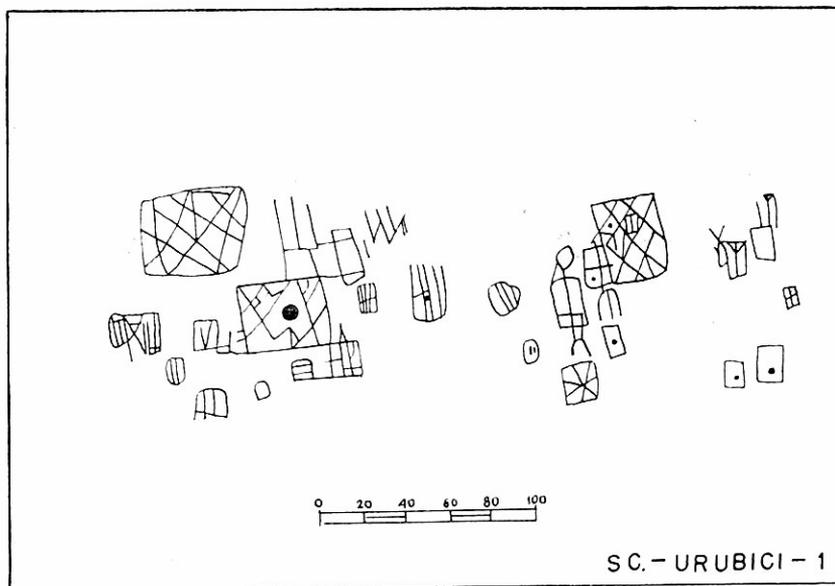
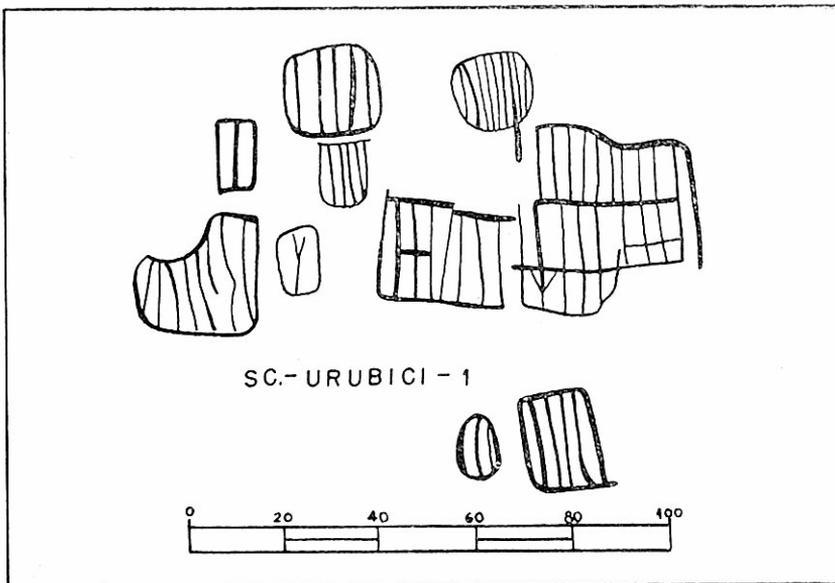
Observações: A duzentos metros do sítio existe uma série de casas subterrâneas.



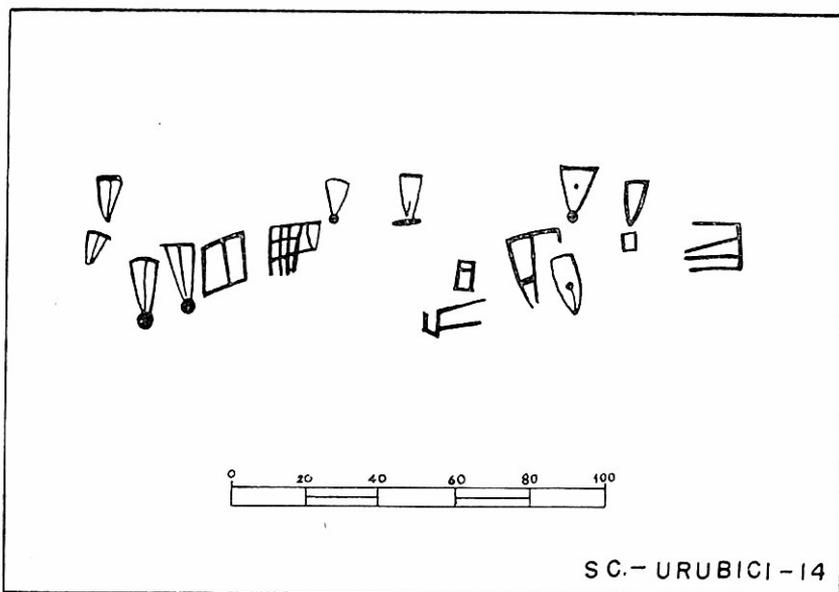
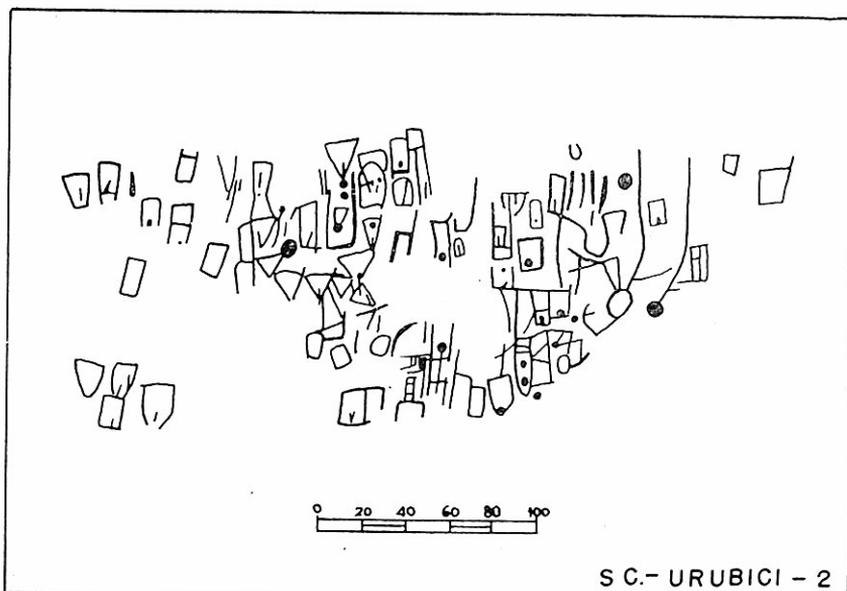
FIGURA 1 — Área pesquisada.



FIGURAS 2 e 3 — Petroglifos do Mórro do Avencal, Município de Urubici, S. Catarina



FIGURAS 4 e 5 — Petroglifos do Mórro do Avenal, Município de Urubici, S. Catarina.



FIGURAS 5 e 6 — Petroglifos do Mõrro do Avencal—Fundos (SC. — Urubici — 2) e do Mõrro Pelado (SC. — Urubici — 14), Município de Urubici, Santa Catarina.

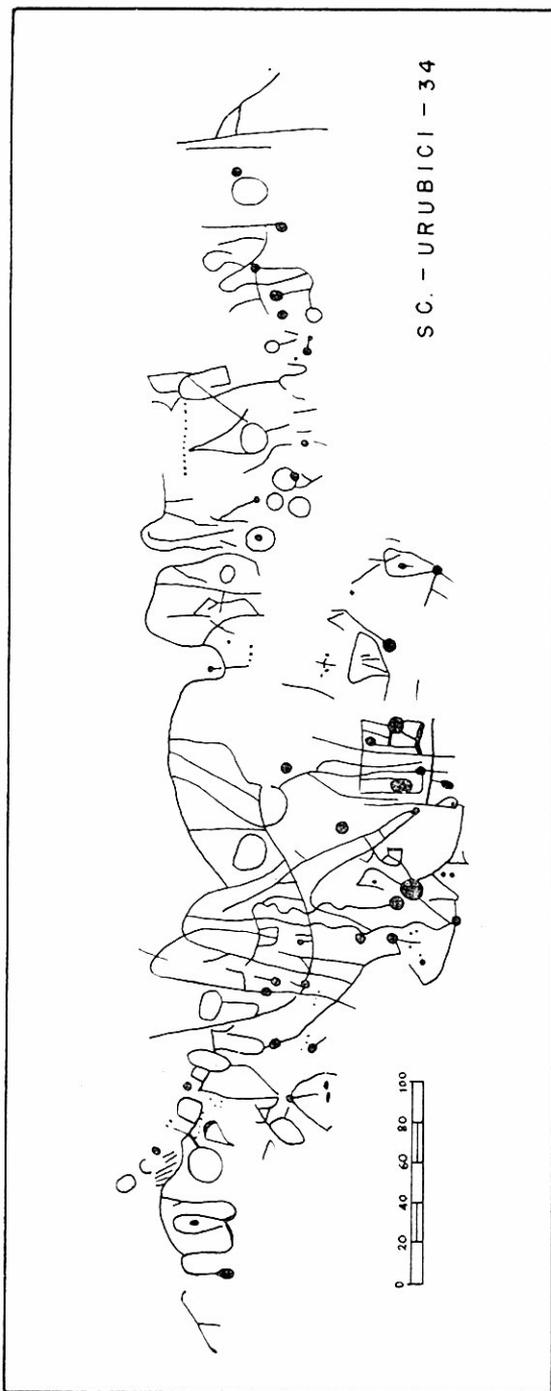


FIGURA 7 — Petroglifos da localidade de São Pedro, Município de Urubici, S. Catarina

CASA SUBTERRANEA
SC - URUBICI - 11

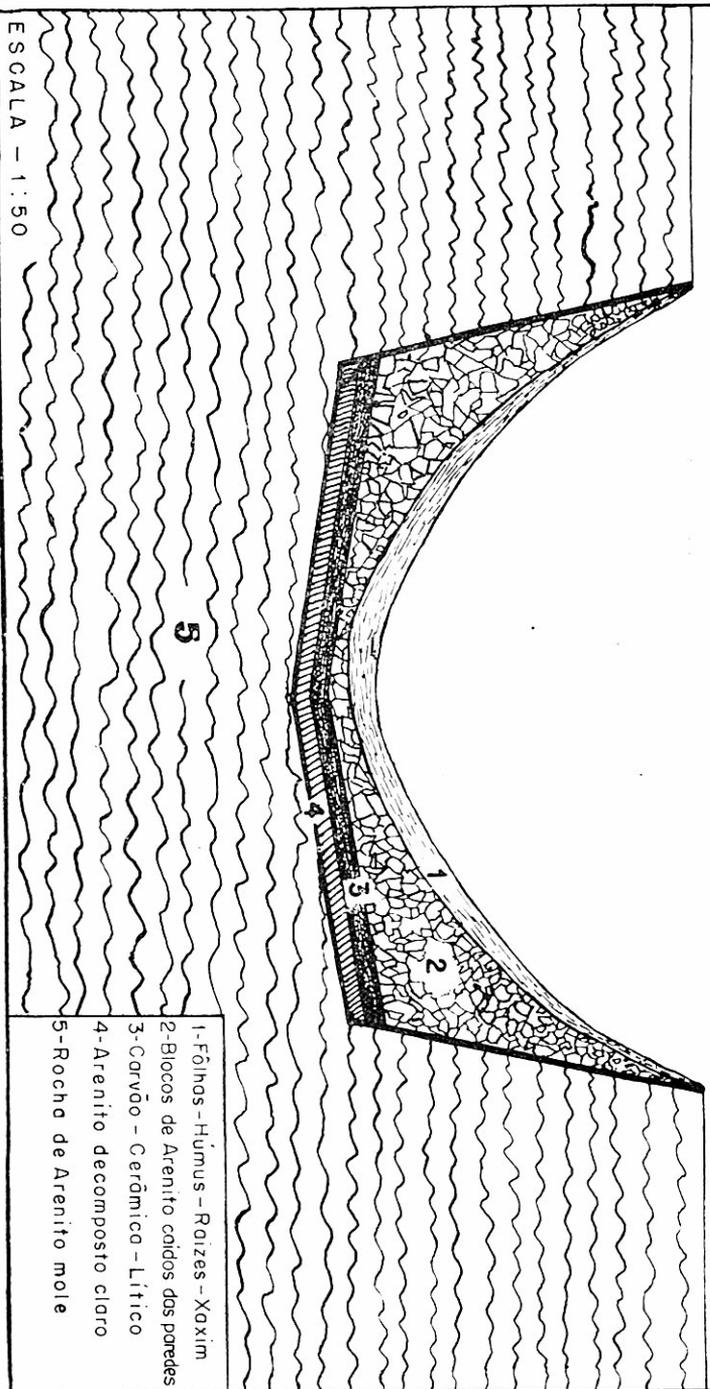


FIGURA 8 — Casa subterrânea SC. — Urubici — 11

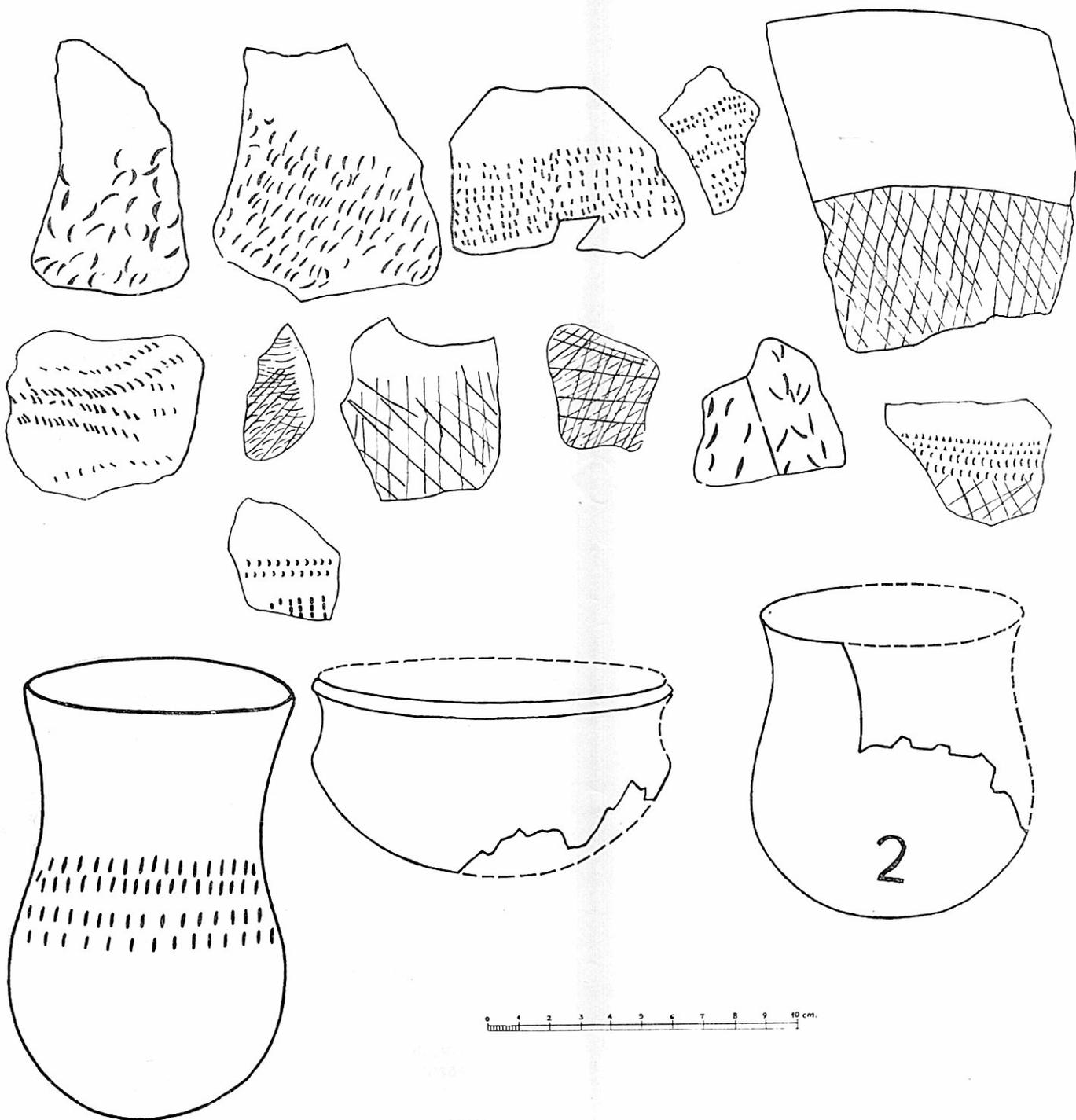


FIGURA 9 — Cerâmica da Casa subterrânea SC. — Urubici — 11. 2 cerâmica do terreiro de antiga aldeia. SC — Urubici — 21.

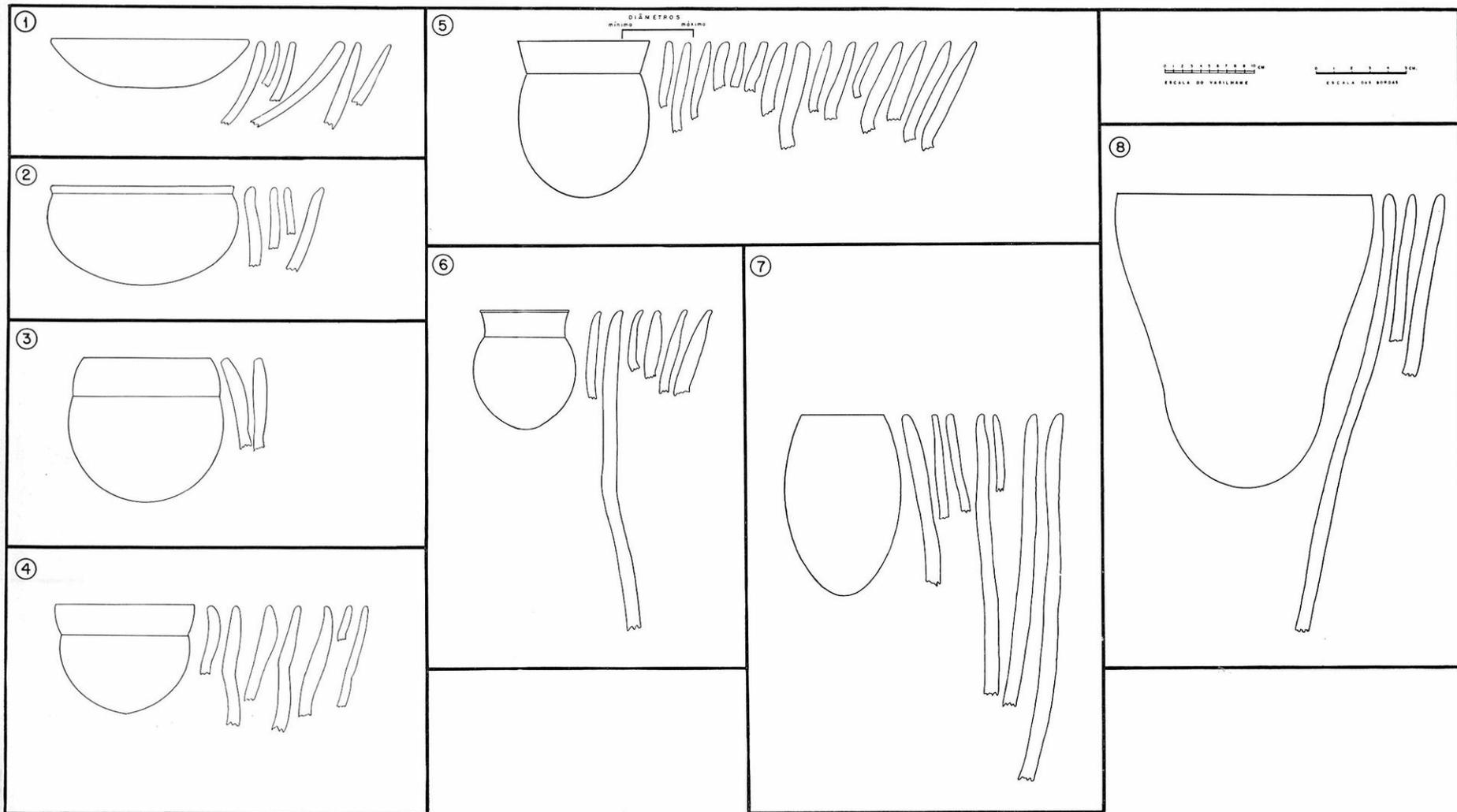


FIGURA 10 -- Cerâmica da casa subterrânea SC -- Urubici -- 11: bordas e formas dos recipientes.

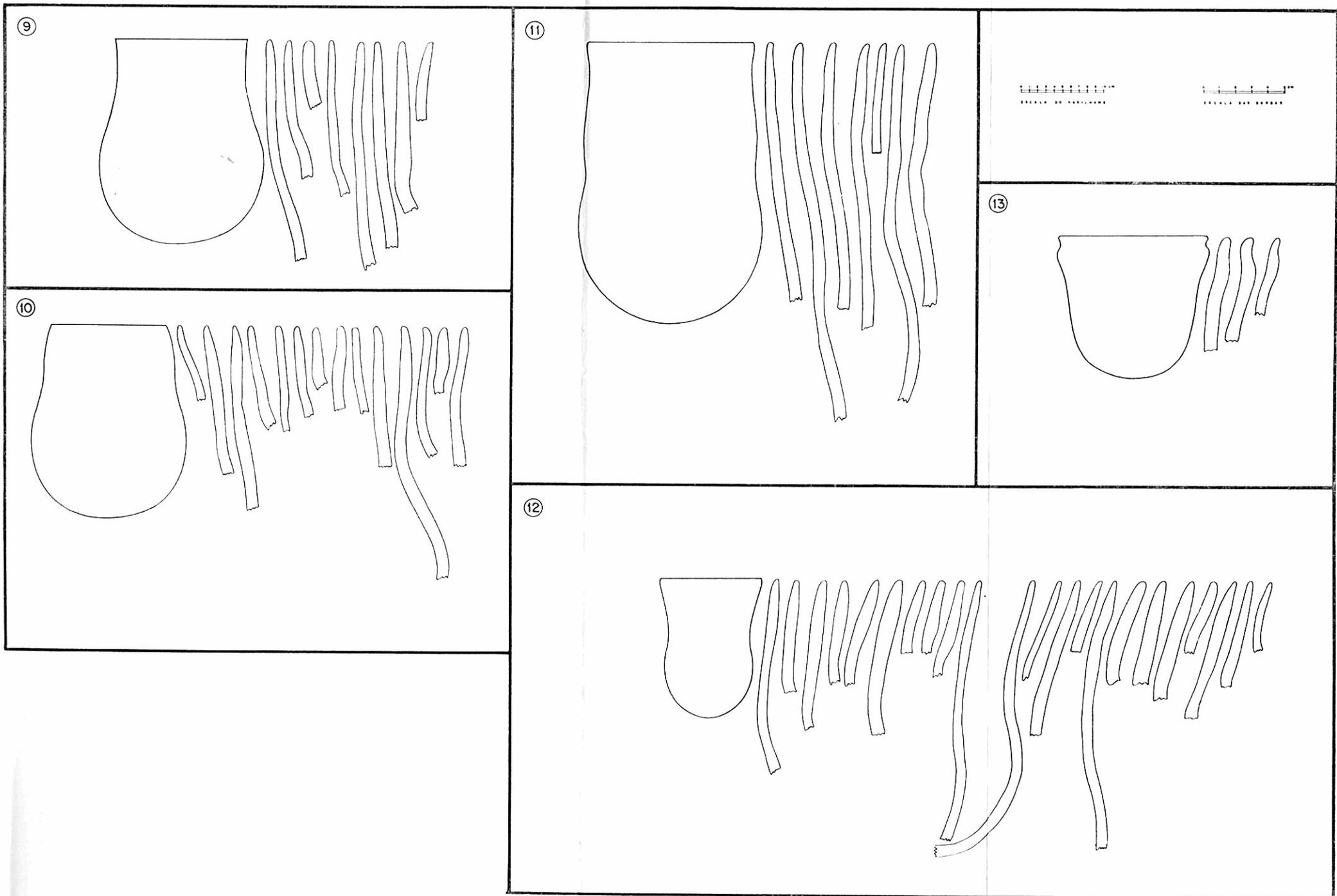


FIGURA 11 — Cerâmica da casa subterrânea SC — Urubici — 11: bordas e formas dos recipientes.

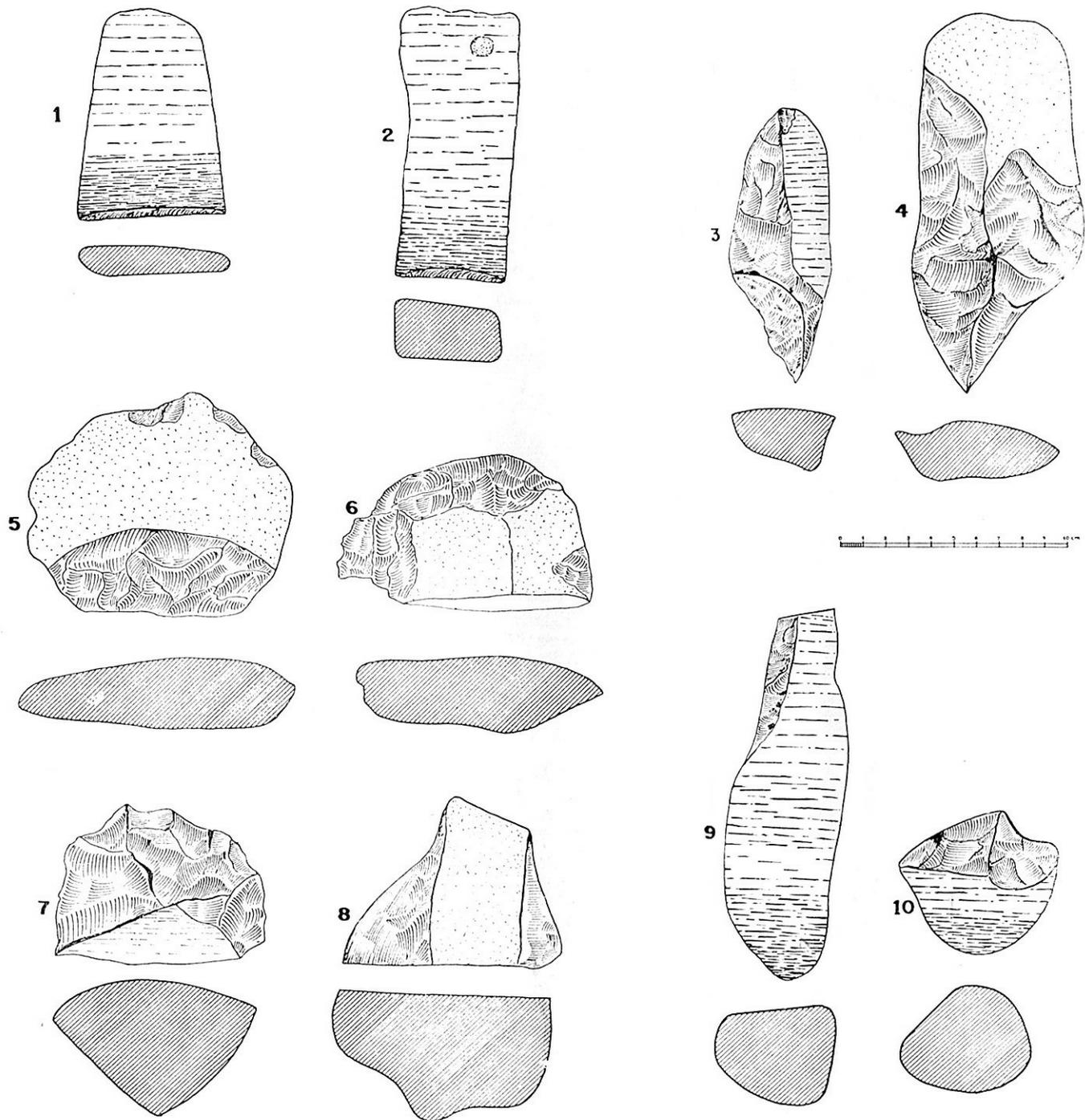
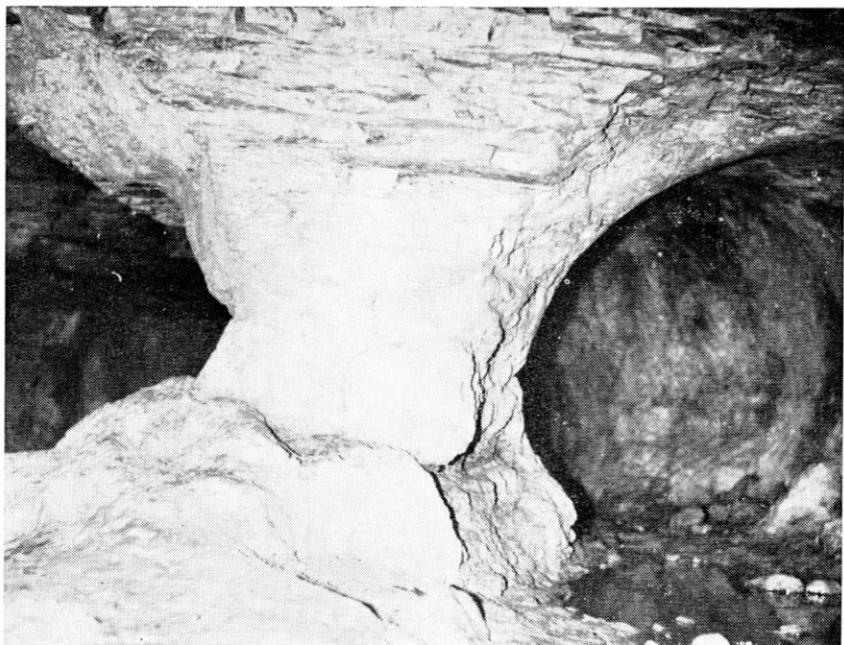
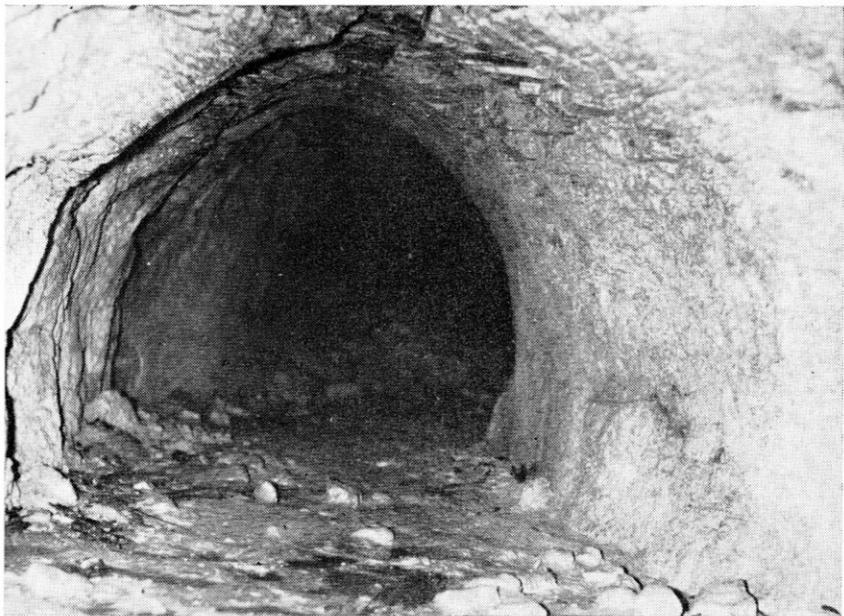
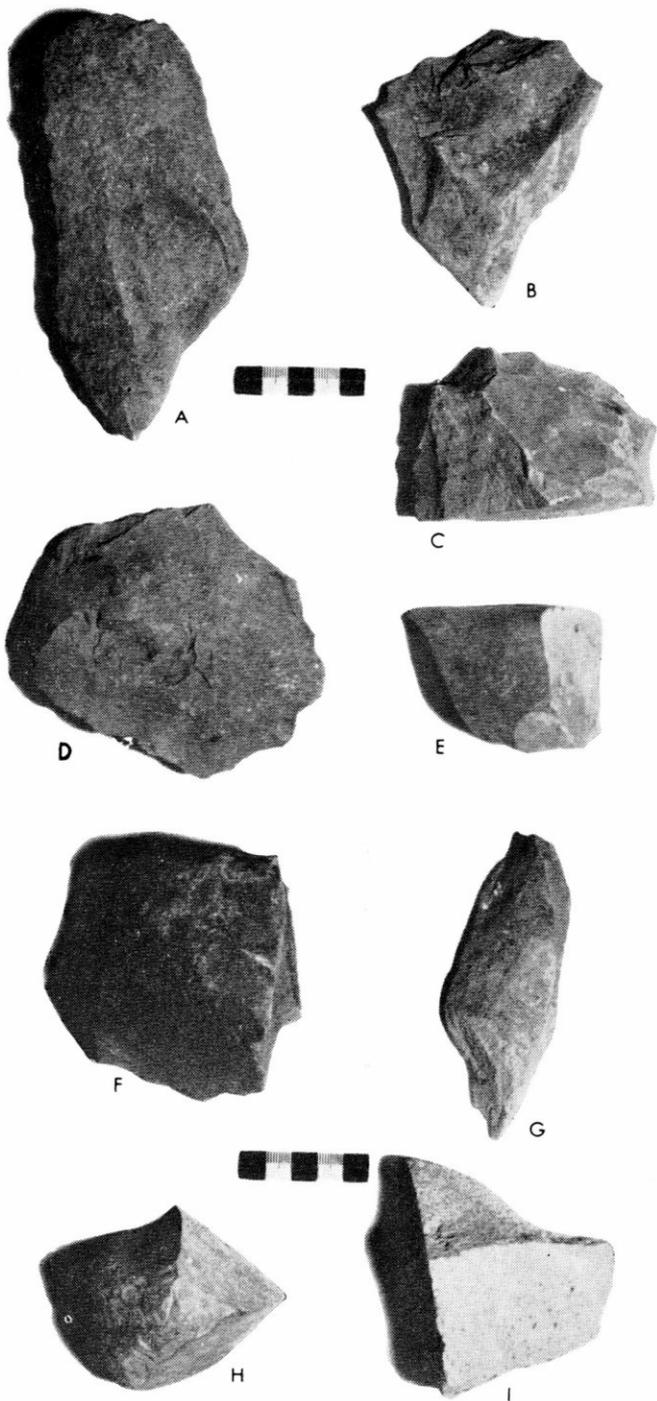


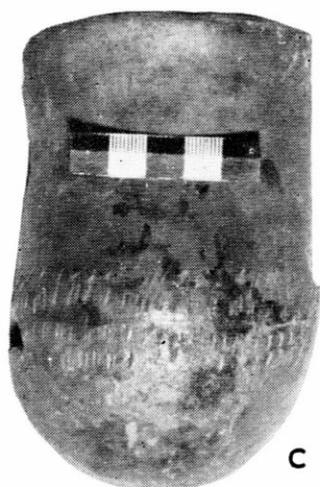
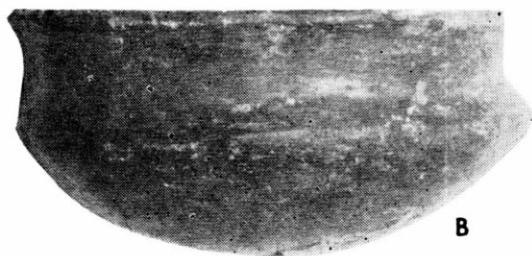
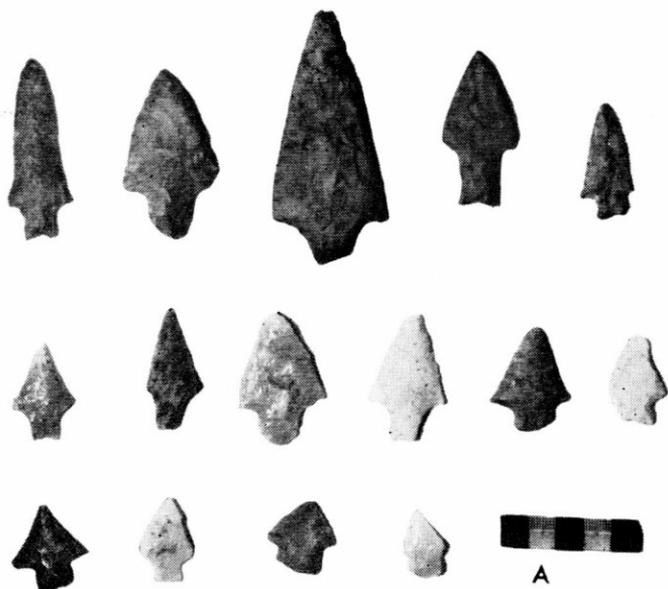
FIGURA 12 — Indústria lítica da casa subterrânea SC — Urubici — 11: 1 e 2 alisadores; 3 e 4 picões; 5 e 6 batedores laterais; 7 e 8 raspadores; 9 e 10 chopping-tools.



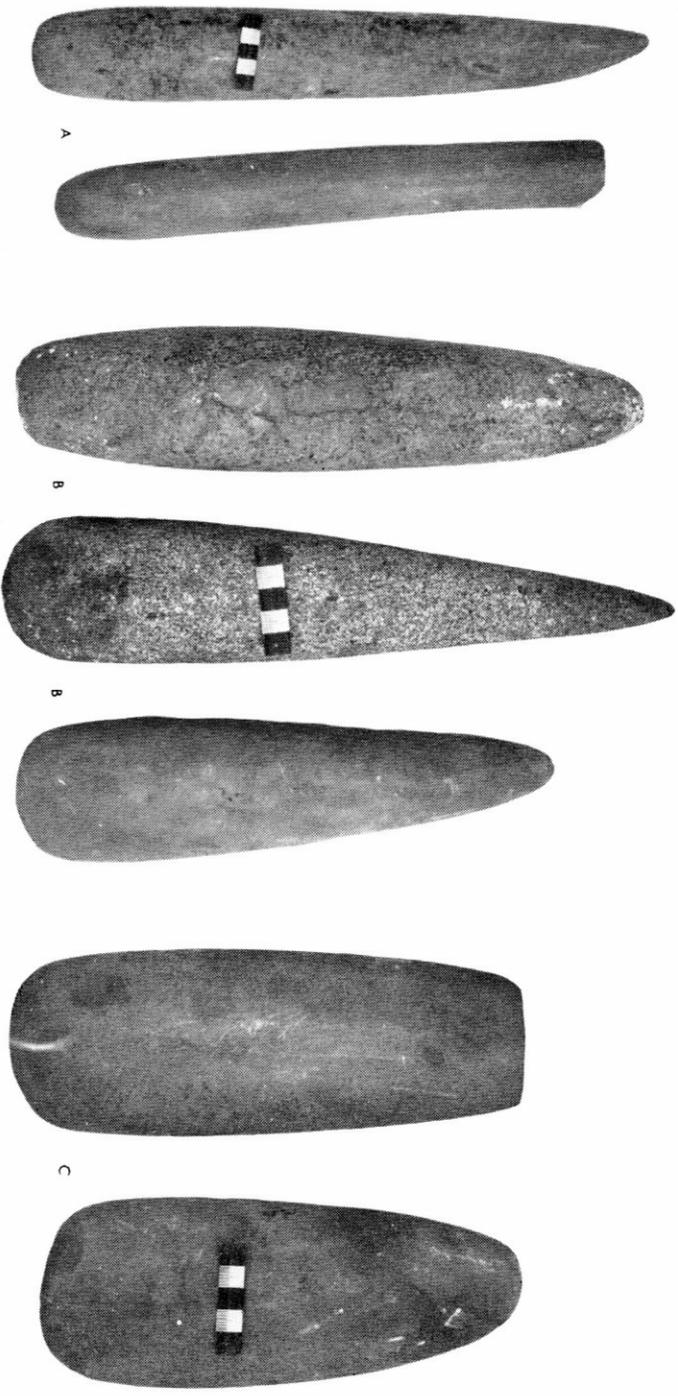
PRANCHA I — Galerias subterrâneas.



PRANCHA II — Indústria lítica da casa subterrânea SC — Urubici — 11: a, b, e picões; c, d, i raspadores; f batedor; g, h chopping-tool.



PRANCHA III — a — pontas de flechas encontradas em sítios de superfície; b, c cerâmica encontrada na casa subterrânea SC. — Urubici — 11; d machado semi-lunar encontrado em superfície.



PRANCHA IV — a mão de pilão; b machados roliços e alongadores; c machados achatados e curtos.

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 1, 1957 122—142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 143—180, 293—295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 113—143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 199—266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 267—324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 6, 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de Sta. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 9, 17 pp.
10. **Os Münkü. 2.ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien.** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Anthropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1961, Anthropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Anthropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1962, Anthropologia nr. 14 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga** — Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 1966, Anthropologia nr. 15, 61 pp. 1 mapa, 4 pranchas
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** — Pedro Ignacio Schmitz, S. J. e outros — Pesquisas 1967, Anthropologia nr. 16, 58 pp, 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** — João Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 1967, Anthropologia nr. 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** — Pesquisas 1968, Anthropologia nr. 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** — João Alfredo Rohr, S.J. Pesquisas 1969, Anthropologia nr. 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** — Pesquisas 1969, Anthropologia nr. 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** — Tom O. Miller, Jr. — Pesquisas 1969, Anthropologia nr. 21, 48 pp., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Anthropologia nr. 22, 37 pp., 1 mapa, 1 fig., 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardinho (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1.ª parte** — Pedro Ignacio Schmitz e outros — Pesquisas, 1970, Anthropologia nr. 23, 54 pp., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.

VALE DO RIO DOS SINOS

Revista da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos

Publica trabalhos de pesquisa e artigos dos Professores e Alunos da Faculdade, nos campos sócio-econômico-doutrinários.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Enderêço:

Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos
Praça Tiradentes, 35 — Tel. 16 — São Leopoldo, RS,
Brasil.

ESTUDOS LEOPOLDENSES

**Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
de São Leopoldo**

Publica trabalhos de pesquisa dos Professores e formados da Faculdade, nos seguintes setores:

**História e Ciências Sociais — História Natural
Filosofia — Letras — Matemática — Educação**

Pode ser conseguida em volumes, contendo todos os artigos, ou em cadernos separados por setores.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Enderêço: **Estudos Leopoldenses** — Praça Tiradentes, 35
São Leopoldo, RS, Brasil.